

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS

Heloísa Kuhnen Ferreira De Carvalho

A presença de animais no processo analítico

São Paulo

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS

Helóisa Kuhnen Ferreira De Carvalho

A presença de animais no processo analítico

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Denise Ramos.

São Paulo

2025

Banca Examinadora:

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, meus avós, Paulina, José e Doraci, que sempre apoiaram e incentivaram meus estudos desde que iniciei na escola. À minha mãe, que fez tudo que era possível (e impossível) para que eu tivesse a oportunidade de viver meus sonhos. Obrigada por compartilhar comigo o acesso à sua biblioteca particular, isso mudou a minha vida. À minha irmã, Stella, que contribuiu imensamente com seus conhecimentos tecnológicos e de design para a elaboração de imagens que esse trabalho utilizou. Obrigada por me acolher e amparar minhas angústias. Ao meu pai, que compartilha comigo interesses acadêmicos e em breve, profissionais. Agradeço a todos vocês por entenderem as ausências que este trabalho exigiu.

Agradeço ao meu companheiro, Alexandre, por ter cuidado de mim e oferecido segurança durante os momentos mais intensos. Obrigada por me fazer rir, descansar e me fazer lembrar de quem eu sou quando me senti perdida.

Agradeço à minha orientadora, Denise, por todo o aprendizado dentro e fora da sala de aula que me proporcionou. Obrigada por orientar este trabalho e compartilhar sua experiência pessoal atendendo com sua gatinha na clínica.

Agradeço aos membros da banca, professora Liliana, por todo o carinho e afeto que depositou no trabalho. Agradeço ao professor Bóris, cujas contribuições foram cruciais para a realização desta pesquisa.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha jornada, em especial, à professora Rita Rosa, cuja aula fez nascer o broto do que se tornaria esse trabalho. À Marisa Catta-Preta e Paula Guimarães por terem sido minhas orientadoras durante a graduação e por terem me incentivado sobre essa pesquisa desde o início.

Agradeço ao meu amigo, Eduardo, que foi inspiração e amparo durante toda a jornada. Obrigada por todas as trocas e por ter enxergado a potência deste trabalho desde o começo, mesmo quando eu ainda não conseguia.

Agradeço aos meus queridos amigos que entraram junto comigo nessa jornada, Paola, Pedro e Edeli. Obrigada, Paola, por ter sido luz e amor, por todas as risadas e cumplicidades. Obrigada, Pedro, pelas conversas profundas e por todas as besteiras que falamos também. Obrigada, Edeli, que foi a primeira amiga que fiz na

pós-graduação e que assim como eu, também é sensível e brincalhona. Agradeço ao pequeno grupo que formamos, serei eternamente grata a todos vocês.

Agradeço aos meus amigos do NEJ, em especial, ao Edu Rascão que abriu sua casa para nossos encontros, à Monique, Laura, Gabi, Gabriel, Matheus, Rafael, Ana Carolina, Stella e Aroldo, por todas as risadas, apoios e parcerias. Cada um de vocês foi especial à sua maneira. Obrigada por trazerem samba à minha vida.

Agradeço à Vivian por ter enviado tantos textos junguianos sobre animais, diretamente de Zurique, quando ainda não tinha sido possível de acessar daqui do Brasil. Obrigada por todo o apoio e incentivo nessa jornada, por todas as trocas gentis e inspiradoras que esses anos todos puderam me proporcionar.

Agradeço à Vic, minha irmã de alma, por me socorrer nas piores horas e dar os melhores conselhos, desde à nossa adolescência.

Agradeço aos meus amigos de longa data, em especial, à Ana, que esteve comigo desde que a ideia foi gerada, por todo incentivo e apoio nas nossas conversas sobre a vida. Agradeço também à Aninha, Bruno, Bruna, Caio, Gabi, Gusta, Jivs, Léo, Mari, Nati e Borba, por todo o apoio e torcida.

Agradeço à minha psicóloga, Carmen, por ter sido espelho e me fortalecido nos momentos mais necessários.

Agradeço aos meus pacientes por confiarem no meu trabalho e por todo o incentivo durante essa jornada.

Agradeço imensamente aos participantes dessa pesquisa e seus animais. Obrigada por toda a disponibilidade e contribuição que ofereceram. Seria impossível finalizar essa pesquisa sem vocês.

Agradeço à CAPES pelo incentivo financeiro para a realização dessa pesquisa.

Por último e não menos importante, agradeço a todos os animais de companhia que já tive, que foram fundamentais na minha vida. Ao Pingo, que acompanhou meu crescimento e foi ponto de conexões com pessoas amadas. À razão da existência desse trabalho, Aurora, por ter me apresentado um amor tão único e aprendizados sobre mim mesma que eu não poderia ter vivenciado de forma diferente.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – processo número 88887.895508/2023-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 – processo número 88887.895508/2023-00.

EPÍGRAFE

“(...) Nós temos o preconceito cristão contra o animal no homem, mas um animal não é mau, nem tampouco bom. Nós somos maus, o homem é necessariamente mau, porque é tão bom. Só animais domesticados se comportam mal; um animal selvagem nunca se comporta mal, ele segue sua própria lei natural; não existe algo como um bom tigre que só coma maçãs e cenouras! Um animal selvagem é um ser pio e obediente à lei que cumpre a vontade de Deus da maneira mais perfeita. O touro é um animal totalmente selvagem, e se matamos o animal em nós mesmos, matamos também as coisas verdadeiramente boas, não as aparentemente boas.”

(Jung, C. G., 2018, p. 63)

“(...) é que as relações entre homem e bicho são singulares, não substituíveis por nenhuma outra. Ter bicho é uma experiência vital. E a quem não conviveu com um animal falta um certo tipo de intuição do mundo vivo. Quem se recusa à visão de um bicho está com medo de si próprio.

Mas às vezes me arrepio vendo um bicho. Sim, às vezes sinto o mudo grito ancestral dentro de mim quando estou com eles: parece que não sei mais quem é o animal, se eu ou o bicho, e me confundo toda, fico ao que parece com medo de encarar meus próprios instintos abafados que, diante do bicho, sou obrigada a assumir, exigentes como são, que se há de fazer, pobre de nós. Conheci uma mulher que humanizava os bichos, conversando com eles, emprestando-lhes suas próprias características. Mas eu não humanizo os bichos, acho que é uma ofensa – há de respeitar-lhes a natura – eu é que me animalizo. Não é difícil, vem simplesmente, é só não lutar contra, é só entregar-se.” (Lispector, Clarice, 2012, p. 28-29)

RESUMO

A presença de animais não humanos na clínica é um fenômeno que parece ocorrer espontaneamente no trabalho de profissionais de Saúde Mental. Boris Levinson foi o primeiro psicólogo a documentar sobre seu trabalho com animais dentro do setting clínico, em 1969. Atualmente há divergências na nomenclatura apresentada pela comunidade científica, por se tratar de um campo ainda em ascensão. Apesar disso, a Psicoterapia Assistida por Animais apresenta resultados expressivos no atendimento de todas as faixas etárias e em casos de depressão e trauma. Compreende-se que no Brasil há ocorrências da presença de animais em consultórios de psicoterapia, e que nem sempre ela é nomeada com a mesma nomenclatura ou até mesmo registrada em artigos acadêmicos. O presente trabalho investigou a presença de um animal vinculado ao terapeuta no processo psicoterápico. Tratou-se de um estudo misto exploratório, que utilizou questionário e entrevistas a fim de concluir o objetivo proposto. Da etapa do questionário, participaram 36 pessoas que responderam sobre sua experiência com animais na clínica e dessas, dez foram selecionadas para a etapa de entrevistas. A partir dos resultados, criou-se cinco conceitos teóricos a partir da análise fundamentada: o papel dos animais nos atendimentos, inserção dos animais na clínica, conexões estabelecidas, manejos dos profissionais e aspectos atribuídos aos animais. Por fim, conclui-se que os profissionais, apesar de alguns apresentarem intencionalidade na inclusão do animal, ainda não possuem ferramentas teóricas adequadas e acessíveis. Considera-se que novas pesquisas devam ser realizadas com um número maior de participantes

Palavras-chave: Psicoterapia Assistida por Animais; Psicologia Clínica; Psicologia Analítica

ABSTRACT

The presence of non-human animals in clinical settings appears to occur spontaneously in the work of mental health professionals. Boris Levinson was the first psychologist to document his work with animals within the clinical setting, in 1969. Currently, there are divergences in terminology within the scientific community, as it remains an emerging field. Nevertheless, Animal-Assisted Psychotherapy has shown significant results across all age groups, particularly in cases of depression and trauma. In Brazil, the presence of animals in psychotherapy offices does occur, although it is not always labeled under the same terminology or even documented in academic literature. This study aimed to investigate the presence of an animal connected to the therapist in the psychotherapeutic process. It was an exploratory mixed-methods study, which involved both a questionnaire and interviews to achieve its objective. Thirty-six professionals responded to the questionnaire about their experiences with animals in clinical settings, and ten were selected for the interview phase. From the data analysis, five theoretical concepts were developed using grounded theory: the role of animals in sessions, the inclusion of animals in clinical practice, established connections, clinical management, and meanings attributed to animals. In conclusion, although some professionals intentionally include animals in therapy, they still lack adequate and accessible theoretical tools. Further research is needed with a larger sample.

Keywords: Animal-Assisted Psychotherapy; Clinical Psychology; Analytical Psychology

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Exemplos de serviços assistidos por animais com as diferenças entre subgrupos.....	47
Figura 2	- Convite para participação da pesquisa.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	-	Caracterização da amostra (n = 36).....	55
Tabela 2	-	Dados do atendimento com animais (n = 36).....	56
Tabela 3	-	Principais associações entre as variáveis (n = 36).....	58
Tabela 4	-	Temas predominantes nas entrevistas (n = 10).....	58
Tabela 5	-	Principais associações entre os temas da entrevista e as demais variáveis (n = 10).....	59

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

IAA	Intervenção Assistida por Animais
TAA	Terapia Assistida por Animais
AAA	Atividades Assistidas por Animais
EAA	Educação Assistida por Animais
IAHAIO	International Association of Human-Animal Interaction Organizations
AAIL	Animal Assisted Intervention International
IAAAP	The Israeli Association of Animal-Assisted Psychotherapy
SAA	Serviços Assistidos por Animais
PSAA	Programas de Suporte Assistidos por Animais
PAA	Psicoterapia Assistida por Animais
TAA	Tratamento Assistido por Animais
PAT-WAT	Pet Assisted Therapy-Welfare Assessment Tool
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
MeSH	Medical Subject Headings
PRISMA	Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses
PAC	Psicoterapia Assistida por Cães
TEPT	Transtorno do Estresse Pós-Traumático
EUA	Estados Unidos da América
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	RELAÇÃO SER HUMANO – ANIMAL	19
3	OS ANIMAIS E A PSICOLOGIA ANALÍTICA	24
3.1	O simbolismo do cão	28
3.2	O simbolismo do gato	31
4	A PSICOTERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS	34
4.1	Nomenclaturas em debate: uma revisão de revisões	39
5	OBJETIVOS	49
6	MÉTODO	50
6.2	Participantes	50
6.2.1	CrITÉRIOS de inclusão.....	50
6.2.2	CrITÉRIOS de exclusão.....	50
6.2.3	Procedimentos de coleta.....	51
6.3	Procedimentos éticos	53
6.4	Instrumentos	53
6.5	Análise dos materiais coletados	53
7	RESULTADOS	55
7.1	Características da amostra do questionário	55
7.2	Resultados qualitativos – Síntese da presença de animais na clínica	60
7.2.1	O papel do animal nos atendimentos.....	60
7.2.2	Inserção do animal na clínica.....	66
7.2.3	Conexões estabelecidas.....	68
7.2.4	Manejo dos profissionais.....	72
7.2.5	Aspectos atribuídos aos animais.....	75
8	DISCUSSÃO	78
8.1	Limitações	80
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	84
	APÊNDICES	92

1 INTRODUÇÃO

Desde a graduação, comecei a me aproximar e estudar o tema dos animais e sua relação com os seres humanos. Durante uma aula ministrada por uma professora sobre a clínica infantil, houve o comentário de que o *setting* terapêutico com crianças seria mais aberto e haveria a possibilidade do trabalho com animais na psicoterapia. Pareceu-me de imediato um tema importante, pois suscitou um desejo de compreender como isso poderia ocorrer. Para minha surpresa, ao conversar com a professora no final da aula, percebi que essa era uma prática já realizada por alguns psicólogos na área, mas até o momento ninguém havia elaborado a fundamentação teórica sobre isso no contexto clínico da psicologia brasileira.

Na metade de 2020, após vivenciar o luto por meu primeiro animal de companhia, Pingo, decidi que gostaria de adotar um cachorro novamente. Recorri, então, aos meios digitais e no primeiro anúncio de adoção já me apaixonei: era uma vira-lata porte médio branca com manchas pretas espalhadas pelo corpo, sendo duas delas mais características: a que cobria o olho totalmente e costuma lhe render apelidos na rua como “piratinha” e a outra em formato de delineado de maquiagem. O anúncio afirmava que ela tinha três meses, e após convencer a minha família, fomos buscá-la do outro lado da cidade.

Assim que chegou em casa, Aurora, cujo nome não foi alterado, causou um pequeno rebuliço. Ela era “rebelde” e “teimosa” e conflitos surgiram a partir desse encontro. Tais situações foram temas constantes de inúmeras sessões de psicoterapia. Senti de imediato uma conexão muito significativa com ela e comecei a me perguntar como seria a sua presença dentro do consultório clínico. Motivada por isso, realizei uma iniciação científica e o Trabalho de Conclusão de Curso que envolvesse essas reflexões, de forma distintas. Na iniciação científica, busquei compreender quais conteúdos as pessoas projetavam em seus animais de estimação, enquanto no Trabalho de Conclusão de Curso, entrevistei psicólogas junguianas que atendiam com seus animais na clínica a fim de compreender melhor esse fenômeno.

A partir disso, foi possível perceber que a utilização de animais em consultórios de psicólogos e psicólogas no contexto brasileiro não era algo incomum. No meu Trabalho de Conclusão de Curso, no qual posteriormente se tornou um artigo

publicado sob o título: “Contribuições de animais na clínica: um estudo em psicologia analítica” pude discutir sobre isso. Durante as entrevistas realizadas, percebi que essa experiência parece ocorrer de maneira espontânea e havia a percepção dos psicólogos de que a presença dos animais no consultório proporcionava o estabelecimento de um vínculo significativo com seus pacientes (Kuhnen, Guimarães, Catta-Preta, 2023).

Ao explorar a literatura existente, sobretudo nas teorias e pesquisas já realizadas, encontrei o material produzido por Nise da Silveira, psiquiatra brasileira que revolucionou os cuidados em saúde mental, a qual observou o fenômeno da relação das pessoas com os animais a partir de seus pacientes internados no Hospital Psiquiátrico Pedro II, diagnosticados com esquizofrenia durante os anos 1950 no Rio de Janeiro (Silveira, 2019). Ao aprofundar a busca na Psicologia Analítica, foi encontrada uma nota de rodapé na introdução de 1989, escrita por William McGuire, no livro Seminários sobre Psicologia Analítica, na qual há a presença de um animal chamado Joggi durante os atendimentos de Jung. O cachorro, que “...tinha seu lugar na sala de consultas.” (p. 26, Jung, 1925/2014) por consequência, acompanhava-o em seus atendimentos. Na biografia de Jung, escrita por Hannah (2022), há uma clara presença do animal:

[...] Quando veio me chamar na sala de espera, segurava o cachimbo na mão e estava acompanhado por seu cão *schnauzer*, grande e cinzento, o qual evidentemente estava acostumado a tirar suas próprias conclusões sobre as pessoas que vinham ver seu dono (grifo da autora, p. 266).

Sendo assim, a presença de Joggi nos atendimentos de Jung poderia ter ocorrido de forma espontânea, uma vez que ele realizava os atendimentos aos pacientes em sua própria casa, ambiente ao qual o cachorro tinha acesso. Infelizmente, não foi possível encontrar conteúdos nos trabalhos de Jung que se referem a presença de animais na clínica, mas a partir de sua obra, é possível traçar paralelos para compreender o tema, partindo dos conceitos teóricos da psicologia analítica.

A relação de proximidade entre seres humanos e os animais é remota. Observa-se que o processo de domesticação do cão ocorreu há pelo menos 15 mil anos e a teoria mais aceita afirma que, através de um ancestral comum do lobo, o lobo cinza, eles passaram a conviver nos mesmos espaços que o ser humano a partir

do mutualismo, que consistia na alimentação dos animais pelos restos de comida, gerando proximidade e garantia de proteção contra predadores e outros grupos (Savali e Albuquerque, 2017). Atualmente, essa relação já não se mantém mais nos moldes originais e está associada ao afeto e cuidado (Oliveira, 2009).

Além disso, o estabelecimento de relações afetivas entre pessoas e animais é um fenômeno que pode ser observado independente da classe social. Em São Paulo, por exemplo, é nítida a presença de animais de estimação, sobretudo o cachorro, com pessoas em situação de rua, as quais muitas vezes compartilham o pouco que possuem com os bichos. Há informações no site da Prefeitura sobre a estruturação de Centros de Acolhida, que devem aceitar e oferecer um espaço que comporte a presença de animais, com o intuito de respeitar a individualidade das pessoas que só utilizariam o serviço com essa condição (Prefeitura de São Paulo, 2019).

Até o momento, não há dados oficiais do governo sobre a quantidade específica de animais domésticos, embora em dezembro de 2024 tenha sido sancionada a lei nº 15.046, de 17 de dezembro de 2024, que autoriza a criação do Cadastro Nacional de Animais Domésticos, com o intuito de contabilizá-los (Brasil, 2024). A análise mais recente realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, estimou que 46,1% dos domicílios brasileiros possui pelo menos um cachorro. Esse dado equivale a 33,8 milhões de residências. Sobre a presença de gatos, a porcentagem é de 19,3%, o equivalente a 14,1 milhões de domicílios que possuem pelo menos um gato (IBGE, 2020).

Considerando que o levantamento não apurou o número específico de animais por domicílio e não considerou pessoas que não moram em unidades domiciliares, como quem está em situação de rua, pode-se estimar que esse número seja maior. Além disso, deve-se considerar que a pesquisa foi realizada em 2019 e, durante a pandemia, houve um aumento de 400% de adoções de animais (Rossignoli, Souza, 2022).

O tema do atendimento com animais na clínica também tem crescido durante as últimas décadas, sendo uma discussão ainda em elaboração dentro da comunidade científica. Até 2024, a nomenclatura utilizada para se referir a qualquer

serviço que utilizasse animais era Intervenção Assistida por Animais (IAA), separada em três eixos: Terapia Assistida por Animais (TAA), Atividades Assistidas por Animais (AAA) e Educação Assistida por Animais (EAA). As principais diferenças entre elas eram referentes ao profissional que as aplicava e o local onde ocorria. Entretanto, com o intuito de evitar confusões nos trabalhos científicos, as principais organizações internacionais sobre o assunto – *International Association of Human-Animal Interaction Organizations* (IAHAIO), *Animal Assisted Intervention International* (AAII), *The Israeli Association of Animal-Assisted Psychotherapy* (IAAAP), entre outras – construíram novas recomendações para uniformizar as terminologias utilizadas (Binder *et al.*, 2024).

O termo guarda-chuva passou a ser Serviços Assistidos por Animais (SAA). Os antigos serviços que incluem o uso de animais em visitas hospitalares, nomeados anteriormente como Terapia Assistida por Animais, foram alocados para Programas de Suporte Assistidos por Animais (PSAA). A decisão foi baseada na compreensão de que o foco consiste em visitas mensais e pontuais, sem apresentarem objetivo específico além de promover o encontro de pessoas com animais, o que difere da Psicoterapia Assistida por Animais (PAA). Tal prática consiste em objetivos focados na presença do animal no processo terapêutico de um indivíduo. Esta última, foi alocada para a classificação de Tratamento Assistido por Animais (TAA), assim como a Fisioterapia Assistida por Animais, Fonoaudiologia Assistida por Animais, entre outros. O termo Educação Assistida por Animais (EAA) se manteve inalterado.

Apesar disso, na literatura científica ainda é possível encontrar trabalhos que se referem à presença de animais no consultório como Pet Terapia, Terapia Assistida por Animais, Psicoterapia Assistida por Animais, Cinoterapia, Equoterapia, entre outros. Há dificuldade em compreender, por vezes, a qual fenômeno está sendo relacionado cada termo. A falta de uma definição clara dificulta o processo de encontrar materiais científicos relevantes e foi um dos obstáculos encontrados na elaboração deste trabalho.

Em relação a presença de animais na clínica, Boris Levinson, psicólogo lituano, foi o primeiro a teorizar sobre o tema, no ano de 1969 com o livro *Pet-Oriented Child Psychotherapy* (Levinson, 1997). O autor se baseou principalmente na psicanálise para realizar as observações. Apesar de ser pioneiro, o autor não foi bem recebido em suas primeiras publicações sobre o tema, e apenas quando biógrafos de

Freud encontraram reflexões do psicanalista a respeito da presença de seus animais na clínica que o trabalho de Levinson foi retomado (Fine, 2015).

Hoje, os principais países que produzem sobre esse tema são: Estados Unidos da América, Israel, Austrália, Reino Unido, entre outros, que promovem a continuidade da pesquisa nessa área. Dentre os animais mais citados nos estudos estão o cachorro e o cavalo, este último principalmente conectado a pessoas com deficiências e autismo. Os animais mais utilizados nos Serviços Assistidos por Animais são o cão, seguido do gato e do cavalo, apesar de animais pequenos como coelhos, ratos, hamsters, aves, entre outros também sejam utilizados (Fine, 2015).

No livro publicado em 2013, com o nome *Animal-Assisted Psychotherapy: Theory, Issues, and Practice*, a psicóloga norte-americana Nancy Parish-Plass e outros colegas descrevem a fundamentação do trabalho e suas experiências clínicas há mais de 25 anos com o uso de animais no contexto terapêutico. Para a autora, a Psicoterapia Assistida por Animais é baseada na Teoria do Apego, de John Bowlby e na Psicodinâmica. No livro, Parish-Plass (2013) argumenta que o animal é utilizado como um meio, assim como na arteterapia, no qual a pessoa pode projetar conteúdos, criar vínculos e entrar em contato com suas demandas. Enfatiza-se o diferencial de que o animal responde a essa projeção, por ser um ser vivo, ou seja, ele reage às interações das pessoas com eles (Parish-Plass, 2013).

Ao conversar com colegas sobre esse tema, é curioso o fato de que as pessoas quase sempre se interessam pela discussão e conhecem alguém que realize esse atendimento. Eu tive a mesma experiência ao apresentar o trabalho desenvolvido na graduação na *6th European Conference on Analytical Psychology* no ano de 2024 em Siracusa, Itália, quando pude discutir com outros profissionais sobre como essa presença de animais também parece ocorrer com frequência em outros países. Mediadora da mesa na qual realizei minha apresentação, a analista junguiana Ruth Williams (2024) está desenvolvendo um livro sobre o assunto. Seu foco é em fenômenos parapsicológicos sobre a presença de animais na clínica. Empréstimo dela a expressão de que o atendimento com animais na clínica psicológica parece um “segredo”, pois inúmeras pessoas atendem nessa configuração, mas até o momento poucas manifestaram conteúdos científicos sobre suas experiências, sobretudo no Brasil.

Existem, portanto, aspectos significativos a serem explorados diante desse fenômeno. Parece que não existe uma sistematização para como a prática deve ser realizada no Brasil, considerando aspectos culturais de apego aos animais. Talvez as pessoas que realizem considerem que isso ocorra de maneira espontânea e ainda não tenham encontrado um espaço adequado para promover discussões sobre o fenômeno. Portanto, é necessário compreender de que forma isso é realizado pelos (as) psicólogos (as), a fim de pensar sobre as possibilidades e os desafios para a realização da Psicoterapia Assistida por Animais no país.

Desse modo, o presente trabalho buscou investigar a presença de um animal vinculado ao terapeuta no processo psicoterápico, a partir das seguintes etapas: elaboração de capítulos teóricos sobre: 1- Relação ser humano-animal; 2- Os animais e a psicologia analítica; 3- A Psicoterapia Assistida por Animais. Em seguida, o objetivo e o método foram apresentados. Por fim, os resultados e a análise da coleta de dados foram elaborados a partir do diálogo com os capítulos teóricos, culminando na conclusão da pesquisa.

2 RELAÇÃO SER HUMANO – ANIMAL

A relação dos animais com os seres humanos não é um fenômeno recente na história, principalmente os animais domésticos. Ainda que existam divergências na bibliografia acerca de quando se iniciou o processo de domesticação de animais, a convergência reside em sua presença em diversos momentos marcantes da história das civilizações. Esse fenômeno pode ser observado a partir da criação de mitos e contos de fadas, nos quais os animais representam personagens importantes, especialmente na cultura egípcia, dado que eram considerados divindades a serem cultuadas.

O cão foi o primeiro animal a ser domesticado pelo homem, a partir de um ancestral comum ao lobo cinza (Ostrander *et al.*, 2019). Vilá *et al.* (1997) realizaram uma análise mitocondrial comparativa entre 162 lobos em 27 regiões do mundo e 140 cães domésticos de 67 raças diferentes. Os resultados apresentados indicaram expressiva diversidade e sustentaram a hipótese de que os lobos são ancestrais dos cachorros, além de que os cães domésticos teriam se originado há mais de 100 mil anos. Os autores expõem que o cão doméstico possui múltiplas origens e chegou a conviver com seus antepassados lobos em uma extensa área geográfica, o que permitiu domesticações e contínua troca genética entre cães e lobos.

No tocante às origens dos animais domesticados pelo ser humano, Larson *et al.* (2012) explicitam que o cachorro foi o primeiro, mas não se sabe exatamente quando esse processo começou. Os autores analisaram geneticamente 1375 cachorros de 35 raças e 19 lobos; mediante comparação dos resultados, concluíram que nenhuma das raças ancestrais de cachorros domésticos derivava de regiões onde foram encontrados seus mais antigos registros arqueológicos. Além disso, três das raças analisadas são originárias de regiões além do território do *Canis lúpus*, ancestral dos cães domésticos. Os resultados apresentados pelo estudo permitiram a conclusão de que o processo de domesticação é visível há mais de 15 mil anos, mas a presença desses animais nos continentes da África e da América do Sul iniciou há 1400 anos, a partir dos movimentos realizados pelos seres humanos. Os autores também afirmam que novas tecnologias e constantes estudos genéticos são necessários, pois podem revelar histórias complexas sobre o fenômeno da domesticação.

Apesar de não saber a data exata, Pendleton *et al.* (2018) expõem que a domesticação de cães se iniciou entre 10 mil e 40 mil anos atrás, sendo o cão o animal mais antigo a ser domesticado. Fallahi *et al.* (2024) exploram a história da relação ser-humano e cão ao longo dos milhares de anos de existência. Os autores investigam os papéis desempenhados por esses animais ao longo da história, assim como os aspectos socioeconômicos vinculados a eles. Para os autores, essa relação é resultado de um processo de adaptações, sendo assim, marcadas por dificuldades. Como exemplo disso, descrevem a potencialidade dos animais de morderem os humanos ou transmitindo zoonoses, assim como a violência cometida aos animais, resultando em maus tratos. Fallahi *et al.* (2014) descrevem que, portanto, tais relações necessitam de avaliação constante e desenvolvimento de estratégias a fim de promover bem-estar para ambos.

Outro animal que é popular nas residências é o gato. Seu processo de domesticação ocorreu há aproximadamente 12 mil anos na região do Crescente Fértil (Nilson *et al.*, 2022), que abrange países como Egito, Iraque, Síria, Jordânia, entre outros. Argumenta-se que este processo se deu devido ao surgimento da agricultura, o que permitiu que os seres humanos pudessem se estabelecer em locais de forma permanente. Com isso, aumentou-se o acúmulo da produção de lixo concentrada gerada pelo armazenamento de grãos. Tal fato promovia atração de ratos e felinos, permitindo que o ser humano tivesse contato com os *Felis silvestres lybica*, considerado o antepassado do *Felis catus*, o gato doméstico (Ottoni *et al.*, 2017). Sendo assim, o contato entre humanos e felinos nessa região tinha o caráter de limpeza dos restos de alimentos e controle de pragas. Logo, esses animais passaram a ganhar prestígio e destaque, chegando a serem adorados no Egito Antigo através do culto à deusa Bastet.

É nítida a existência de maior produção científica relacionada aos cães do que aos gatos ao redor do mundo, e isso não diverge também referente a socialização. Savali e Albuquerque (2017) expõem que o cão, apesar de não ser próximo filogeneticamente do ser humano como os primatas, apresenta alto nível de sociabilidade, fator que contribui para maior comunicação entre espécies, uma vez que estão sempre em contato com outros animais. As autoras defendem que a presença do cão é universal e, muitas vezes, ele é considerado membro da família, chegando a possuir, como expõe Oliveira (2006), nome e sobrenome.

Em relação à sociabilidade dos cães, Savali e Albuquerque (2017) identificam que estes estabeleceram sólida comunicação com os seres humanos. As autoras expõem que o fato de ser possível adestrar esses animais de modo a obedecerem a seus tutores é relevante para o fortalecimento do vínculo. Rugaas (2005) identifica que os cães tendem a apresentar comportamentos específicos; por exemplo, quando se deitam, levantam uma das patas ou ficam parados, indicam que não estão diante de um perigo. Por outro lado, quando se deitam sobre as patas dianteiras e balançam o rabo, demonstram que estão participando de uma brincadeira. Já quando mostram os dentes ou mantêm o rabo abaixado, indicam a necessidade de se afastar de uma situação de risco ou agressiva. A autora defende que esse tipo de comunicação, tanto entre cães quanto entre cães e seres humanos, é uma forma de comunicação não verbal, chamada de *calming signals*. Essa comunicação é importante de ser aprendida, pois pode auxiliar na interpretação de como o cão está diante de determinada situação e se for necessário, realizar alguma intervenção (Rugaas, 2005).

Sobre as relações dos animais domésticos e seus tutores, Miranda (2011) realizou uma pesquisa para compreender a relação de vínculo estabelecida entre cães e famílias portuguesas, a qual contou com a participação de 105 instituições e obteve 1041 respostas dentre os 2000 formulários distribuídos. Avaliou-se três fatores no inquérito indicado: o vínculo geral, proximidade entre humanos e seus animais e a importância dada a essas relações. Para isso, foi realizado um questionário dividido em duas partes: a primeira consistiu em dados demográficos e a segunda contou com a escala denominada “*Lexington Pets Attachment Scale*” (LAPS), utilizada em estudos de vínculos entre seres humanos e animais. O trabalho concluiu que os tutores portugueses consideram os animais de estimação como membros de suas famílias, mantendo relações muito próximas a eles, sem que houvesse diferença para cães ou gatos dessa amostra. Apesar da escala já ser validada para o Brasil (Albuquerque *et al.*, 2023), não foi encontrado estudo semelhante com a população brasileira.

No caso das crianças, podemos perceber a presença de um expressivo número de livros infantis produzidos nos quais os personagens são animais. Além disso, Reider *et al.* (2023) identificaram que famílias que tinham cachorros utilizavam mais linguagens sobre estados emocionais e mentais do que comparados a famílias que faziam isso através de um bicho de pelúcia. Os autores compreendem que

observar a efetiva mudança que o animal traz ao ambiente familiar ainda não pode ser explorada a fundo, mas a partir dos resultados é possível perceber que, no contexto da presença do animal de estimação, há mais estímulos referentes ao estado emocional e mental da criança.

Wanser, MacDonald e Udell (2020) verificaram que cães sincronizam seus comportamentos com as crianças das famílias que pertencem, sendo que sincronia consistiria em: atividade sincrônica, proximidade e orientação espacial. Apesar dos resultados expressivos, os autores identificaram que os cães realizam mais comportamentos sincrônicos com adultos do que com crianças. Para explicar esse fenômeno, eles levantaram a hipótese de que poderia ser por diferenças físicas e comportamentais entre adultos e crianças, principalmente porque muitas interações com crianças podem ser imprevisíveis, desconfortáveis e estressantes para os animais (Wanser, MacDonald e Udell, 2020).

Em relação aos gatos, Finka (2022) descreve que esses animais variam em relação a seus comportamentos com os seres humanos tanto na forma de evitação quanto na aproximação em busca de afeto. A autora expõe que isso ocorre devido à influências como experiências precoces, genética, ambiente e as características do tutor. Sobre a interação com outros da mesma espécie, Finka (2022) compreende que isso ocorra devido à socialização desde cedo ou a animais com ligação parental. A autora exemplifica que a castração reduz a agressividade, mas também pode influenciar na socialização do animal. A personalidade do tutor também parece estar relacionada com níveis de estresse de gatos e problemas comportamentais do animal (Finka, 2022).

Sobre os vínculos com seres humanos, Hill (2024) define que gatos são ativos nesse processo, principalmente por meio das vocalizações que realizam, gestos corporais e rotinas compartilhadas com humanos. A autora realizou uma pesquisa qualitativa com tutores de animais e a partir da análise temática, chegou a conclusão de que gatos e humanos constroem comunicação compreensível a partir de sinais e adaptações. Um exemplo fornecido por Hill (2024) é a modulação da vocalização do animal diante da comunicação com o humano e a indicação do animal de onde preferem receber carinho.

Desse modo, a relação estabelecida entre humanos e animais não humanos domesticados contém uma longa história de adaptação e proximidade existente há milhares de anos. Parece que essa interação é marcada por diferenças em relação às espécies de acordo com a forma de comunicação. No entanto, tais vínculos são carregados de experiências únicas, personalidades e características que fazem parte de cada animal – humano, cão e gato -. Torna-se, então, necessário compreender que as dimensões subjetivas dessa relação devem ser analisadas individualmente.

3 OS ANIMAIS E A PSICOLOGIA ANALÍTICA

Há presença significativa de animais em contos de fadas, como destaca Von Franz (2020). A autora argumenta que esses personagens são portadores da projeção de seus leitores e ouvintes, representando, assim, os instintos animais deles. Jung (1947/2000, p. 75, §233) define que nós, humanos, compartilhamos com outros animais alguns instintos como os de sobrevivência, sexuais e de nutrição. Os instintos, seriam, então, “[...] forças motivadoras do processo psíquico”, sendo a sua repressão, particularmente incentivada durante o processo de civilização, causadora de uma dissociação da psique e do empobrecimento da vida simbólica. Ao discorrer sobre sua importância, para Jung (1947/2000), os instintos seriam parte formadora da camada do inconsciente coletivo para a humanidade. Dessa forma, a dimensão instintiva da vida psíquica é considerada significativa, sendo manifestada, por vezes, a partir da figura de animais em sonhos de pacientes, em mitos, contos de fadas, entre outros.

Segundo Von Franz (2020), os contos de fadas que apresentam personagens animais podem ser considerados como “[...] o material mais básico, a mais profunda e antiga forma de contos” (Von Franz, 2020, p. 45), sendo eles também mais compreensíveis para crianças pequenas do que contos com a presença de princesas, príncipes, reis, entre outros. Dessa forma, representariam dinâmicas mais aproximadas com o inconsciente coletivo, e, portanto, mais instintuais.

Como um dos objetivos da análise é o de tornar consciente fenômenos inconscientes, a projeção surge como uma ferramenta importante para iniciar interlocuções. O fenômeno da projeção, para Jung (1947/2000), ocorre por atuação do inconsciente de uma pessoa direcionada a um objeto, podendo este ser um animal. Tal projeção pode carregar diversos aspectos, positivos ou negativos, mas é a partir dela que muitas vezes podemos integrar aspectos da personalidade. Portanto, considerando que os animais são, por vezes, alvos deste fenômeno, implica-se também na possibilidade de um poder mágico, bem como valor simbólico atribuído a eles.

O símbolo é definido por Jung (1957/1998) como:

[...] um conceito, uma figura ou um nome que nos podem ser conhecidos em si, mas cujo conteúdo, emprego ou serventia são específicos ou estranhos,

indicando um sentido oculto, obscuro e desconhecido (Jung, 1957/1998, p. 204, § 416).

Dessa forma, segundo o autor, os símbolos são formados espontaneamente, a partir da função transcendente, cujo objetivo é trazer à consciência o material imerso no inconsciente. Jung (1957/1998) destaca que os símbolos são materiais inesgotáveis em sentido, podendo se manifestar individualmente, como em sonhos e fantasias, ou em produções coletivas da humanidade, por meio das artes, mitos, contos, dentre outros. O símbolo, então, pode emergir a partir de qualquer relação que o sujeito possui com o mundo e lhe cause um arrebatamento.

Um dos espaços propostos para a elaboração de elementos simbólicos é o de análise, que, para Jung (1954/1998), representa uma relação dialética estabelecida entre analista e paciente, considerando a existência de dois sistemas psíquicos em comunicação. Desse modo, pressupõe-se que o analista também tenha seus conteúdos inconscientes marcados por esse encontro. Por isso, Jung (1954/1998) destaca a importância de que o profissional compreenda suas próprias questões, a fim de evitar o contágio psíquico que pode decorrer dessa relação. Por fim, o objetivo da terapia deve ser oferecer autonomia ao paciente, a fim de que este se aproprie de seu processo de cura através da figura do terapeuta.

A partir desse encontro, ocorrem múltiplas projeções, tanto do paciente destinada à figura do terapeuta, quanto do terapeuta na figura do paciente. Para Jung (1964/2019, p.109), a definição de projeção seria “[...] um mecanismo psicológico geral que carrega conteúdos subjetivos de toda espécie sobre o objeto”. Desse modo, cria-se uma ilusão de que os conteúdos projetados pertençam ao objeto e não a quem o projetou, sendo necessário o recolhimento dessa projeção, a fim de compreender seus próprios aspectos. Na relação terapêutica, o indivíduo, por vezes, acaba necessitando projetar na figura do terapeuta o lugar de curador, para que eventualmente, possa se apropriar dessa característica, a fim de conquistar sua autonomia.

A projeção realizada pelo paciente na figura do terapeuta é nomeada como transferência, sendo ela um fenômeno espontâneo e carregado de conteúdos emocionais (Jung, 1964/2019). Desse modo, os conteúdos da transferência seriam

fruto de algo de extremo valor ao paciente, e em alguns casos, de material arquetípico fantasiando que o terapeuta seria um ser sobrenatural dotado de poderes, do bem ou do mal:

[...] Na projeção ele oscila entre um endeusamento doentio e exagerado e um desprezo carregado de ódio em relação ao médico. Na introjeção passa de um autoendeusamento ridículo para uma autodilaceração moral. O erro cometido em ambos os casos consiste em atribuir os conteúdos do inconsciente coletivo a uma determinada pessoa. Assim, ele próprio ou a outra pessoa, se transforma em deus ou no diabo. Essa é a manifestação característica do arquetípico: uma espécie de força primordial se apodera da psique e a impele a transpor os limites do humano, dando origem aos excessos, à presunção (inflação!), à compulsão, à ilusão ou à comoção, tanto no bem como no mal. (Jung, 1916/2018, p. 82, § 110).

Jung (1947/2000) denomina como contratransferência o mecanismo de reação à transferência do paciente, e, portanto, indica a necessidade do terapeuta de realizar análise pessoal para compreender os conteúdos projetados nessa relação. Ao elaborar sobre isso, Jung (1964/2019) argumenta que analistas que recebem a projeção de salvadores não devem se identificar com esse papel. Reforça, assim, a importância para o cuidado da saúde mental do analista, a fim de evitar essas contaminações.

Para exemplificar sobre essa dinâmica, Penna (2005) utiliza o arquétipo do curador-ferido, a partir do personagem Quíron, da Mitologia Grega. O centauro é coadjuvante nos mitos, sendo professor de heróis como Hércules, Jasão, Perseu, entre outros. Diferente de outros da sua espécie, Quíron possuía apreço pelo conhecimento e era considerado sábio, em comparação a agressividade descrita nos outros centauros. Brandão (1987) afirma que ele era filho do titã Cronos com a deusa Filira, sendo, então, imortal. Seu nome significa “que trabalha ou que age com as mãos” e, durante uma batalha de Hércules aos Centauros, Quíron foi ferido acidentalmente por uma flecha envenenada do pupilo (Brandão, 1987). A ferida não o matou, mas tornou-se eternamente incurável. Quíron possuía natureza tripla – divina, humana e animal - (Penna, 2005), sendo que sua ferida localizada na pata, ou seja, em sua parte animal. A partir de sua dor, Quíron partiu em busca de algo que aliviasse a ferida, tornando-se assim um curador de renome dentro da mitologia grega.

Para Penna (2005), esse mito é próximo à figura do terapeuta na clínica, pois ao cuidar da ferida dos pacientes, os analistas acabariam cuidando também das suas próprias. Existe, então, o paradoxo: "aquele que está sempre curando permanece eternamente doente ou ferido" (Groesbeck, 1975, p. 160). Além de Quíron, outros personagens da mitologia grega foram associados ao curador-ferido, como Esculápio, filho do deus Apolo e considerado o deus da medicina. Groesbeck (1975) afirma que animais como a serpente, o cão, o cavalo e a górgona eram considerados auxiliares do deus nos processos de cura, podendo ele se manifestar através dos sonhos dos pacientes como um desses animais.

Sobre sonhos com animais, Jung (1904/2011) analisa uma sequência de uma paciente de 24 anos, internada no Hospital Psiquiátrico Burghölzli, durante o ano de 1905, com o diagnóstico de histeria. O primeiro sonho refere-se a um quarto cheio de gatos que fazem um barulho alto, sentindo medo e desgosto da cena. Jung (1904/2011) sugere que o barulho dos gatos seja referente ao acasalamento dos bichos, estes, representantes do instinto sexual que a paciente reprimia. No sonho seguinte, a paciente vê o quarto cheio de camundongos que fazem barulho e correm pela sala. No terceiro, ela sonha que vai a uma loja na cidade, quando um cachorro grande e preto pula em cima dela como se pedisse algo para comer. Novamente, Jung (1904/2011) atribui a sexualidade reprimida da paciente e o seu sentimento em relação a essa temática.

Em outro momento, Jung (1916/2014) descreve o sonho de uma mulher, que realizou análise com ele. Ela, no mundo onírico, gostaria de atravessar para a outra margem do rio, mas não havia ponte. Encontra, então, um lugar onde a passagem é possível, mas no momento da travessia, um caranguejo escondido na água agarra-a pelo pé e não a solta, de modo que acorde assustada. Ao analisar os elementos do sonho com a paciente, Jung (1916/2014, p. 97, § 132) expõe que "[...] algo de 'animal' (desumano ou sobre-humano) que anda para trás e vai para o fundo, ameaçando puxar para baixo também a sonhadora e sua personalidade" representa o caranguejo. Desse modo, o animal sintetiza aspectos não domesticados e ainda indiferenciados da psique da paciente, sendo, portanto, referente a conteúdos ainda inconscientes.

No livro Seminários sobre os sonhos, Jung (2018) descreve diversos sonhos de pacientes com animais, sendo um deles o seguinte: o paciente sonhou que

foi chamado por uma criança até uma piscina. A criança sinalizou a ele que havia um grande animal ali. Ele se aproxima com a criança, mas ao invés de piscina, ele se vê diante de uma cama grande. Ao afastar o cobertor, a criança revela uma tartaruga enorme, a qual o paciente bate em sua cabeça com um instrumento de ferro. Em seguida, a tartaruga abre a boca e cospe uma criança. Ao analisar o sonho, Jung (2018) descreve que a tartaruga é um animal de sangue frio que representa partes arcaicas da psique. Apesar disso, o animal também representa algo impessoal, uma vez que carrega sua própria casa e pode se afastar para não ser atacada. Assim, o autor chega à conclusão de que a tartaruga representa a função transcendente do sonhador, de modo que está buscando unir opostos no sonho representado.

Nesses três exemplos de sonhos, observa-se que aos animais, por vezes é atribuído o aspecto instintivo, não domesticado da psique. Assim, a presença de animais em contos de fadas, sonhos, mitos, folclores e outros é marcada pela necessidade do ser humano de caracterizar e significar conteúdos psíquicos. Por mais que essa significação possa diferir entre culturas, é possível entender que o animal parece carregar valor simbólico para o ser humano.

Desse modo, a presença de animais na clínica poderia ser compreendida como um fenômeno sob o ponto de vista junguiano, de modo que ao invés de utilizar apenas os animais de forma imaterial, essa projeção poderia ser destinada aos bichos que ali estão presentes durante o processo terapêutico. A própria presença do animal pode até mesmo refletir na relação terapêutica estabelecida, uma vez que a projeção não será destinada apenas ao animal, mas também à figura do analista acompanhado de seu animal de companhia.

3.1 O simbolismo do cão

Bachmann (2016) identifica que o cão é símbolo importante para a humanidade, uma vez que representa um animal doméstico popular. Sobre os cães, a autora afirma que sua presença consta desde influências na linguagem, em frases como: “cão estúpido”, “colocar o rabo entre as pernas”, “cão que ladra não morde”, entre outros, até influências em contos de fadas e mitos, ilustrando este último por meio da figura de Anúbis, deus egípcio dos rituais funerários e da passagem para o

pós-vida, como um homem com a cabeça de cão. Woloy (1990) e Bachmann (2016) consideram o deus egípcio como a principal representação de caninos na mitologia egípcia.

Ao descrever sobre uma das versões da mitologia egípcia realizadas durante o culto de Ísis e Osíris, Woloy (1990) ressalta o papel de importância que Anúbis possuía nos rituais de vida e morte. Seth, irmão dos dois deuses, vingava-se de Osíris matando-o e posteriormente cortando-o em 14 pedaços ao longo do rio Nilo. Ísis tem a difícil tarefa de procurar os pedaços do marido, e só consegue desempenhar isso a partir da ajuda de Anúbis. Assim, a autora defende a presença do cão alinhado à percepção do animal como um companheiro de aventuras e desafios.

Além de identificar que o cão representa a instintividade animal para o ser humano, Bachmann (2016) também confere a ele a característica de psicopompo, definido por Balieiro *et al.* (2015, p. 296) como: “[...] uma palavra de origem grega, que surge da junção de *psyché* (alma) e *pompós* (guia), indicando alguém ou algo que possui a função de guiar” a reinos desconhecidos. Isso pode ser aludido ao âmbito inconsciente da psique. Tendo em vista os significados atribuídos ao cão, pode-se considerar que estes tenham valor simbólico e, portanto, são alvos de projeção por parte dos indivíduos que, com eles, interagem, seja de modo direto ou por meio de suas expressões em enredos de histórias e mitos.

Woloy (1990) também confere ao cão a característica de psicopompo, principalmente por sua presença constante em mitos que retratam sobre a vida e a morte. Segundo a autora, é possível identificar a presença do animal em diversas mitologias, como a grega, egípcia, asteca, celta, entre outras. O cão, poderia significar então alguns aspectos, entre eles: a companhia e ajuda nas horas difíceis, representação dos instintos, companhia de deuses e deusas, e nos tempos modernos, adquire a forma de cão de assistência, principalmente na imagem de cão-guia.

Dentre as mitologias assinaladas por Bachmann (2016) e Woloy (1990), a presença do cão como companheiro de Asclépio, considerado na mitologia grega como o deus da cura, representaria a imagem do animal como um assistente do curador. O deus sempre estava acompanhado por esse animal, havendo inclusive referências a ele no templo dele em Epidauros com poderes curativos. Dessa forma, poderia ser inferido ao cão habilidades de cura, segundo a autora. Woloy (1990) ao

analisar o sonho de uma paciente, no qual a lambida do cachorro a fazia se sentir bem, retoma essa imagem da lambida do cachorro como curativa.

Outra característica conferida ao cão é a da fidelidade. Sobre ela, Bachmann (2016) reflete sobre a relação desenvolvida entre Odisseu e seu cão Argos. Segundo o mito, Odisseu foi obrigado a participar da Guerra de Tróia por causa de uma promessa que fizera anos antes ao rei Menelau de Esparta. Quando partiu de seu lar, Argos era um filhote e ao retornar, modificado pelos anos da guerra, Odisseu disfarçou-se de modo irreconhecível a fim de evitar enganações e sua morte. A única criatura que o reconheceu de imediato foi Argos, que já idoso, abanou o rabo para ele, feliz ao reencontrar seu dono, e logo após esse encontro, faleceu. Essa passagem parece refletir em uma dinâmica do cão como “melhor amigo” do ser humano.

Outras formas de representação do cão na mitologia grega existem a partir de Cerberus, o cão de três cabeças que habita o submundo, e Sirius, o deus personificado na estrela de mesmo nome. Bachmann (2016) retrata Cerberus como o monstro do mundo inferior que realiza a fiscalização, para impedir a entrada de vivos no reino de Hades. Alguns heróis gregos famosos tiveram que enganar o animal para poder acessar o submundo, como Hércules, Odisseu, Orfeu, entre outros, e há representações de sua figura em elementos da cultura popular como na saga *Harry Potter*. Sirius, como retrata Woloy (1990), representa a estrela mais brilhante, que faz parte da constelação Cão Maior, orientando os gregos em relação à posição na Terra. Nas duas situações, é perceptível as atribuições de características como a função de guia e de mediador entre a vida e a morte direcionadas à figura do cão.

O animal também é descrito por Woloy (1990) como companheiro da deusa grega da magia, Hécate, onde a autora associa-o à lua. A representação do lobisomem em muitas culturas exemplifica isso. Ramos *et al.* (2005) afirmam que essas lendas provavelmente foram originadas a partir de cultos egípcios e gregos sobre deuses-lobos, assim como algumas crenças de ancestrais lobos entre alguns povos. Na maioria das lendas, a presença da lua cheia é associada com a transformação em lobisomem.

Em contrapartida, o simbolismo do lobo é por vezes similar ao do cão. Ramos *et al.* (2005) também revelam os aspectos de morte e renascimento associados aos lobos, assim como sua proximidade a rituais de cura e sua figura como

um psicopompo. Somado a isso, as autoras apresentam a presença de lobos nos campos de batalhas da mitologia nórdica como os devoradores dos cadáveres, assim como prenúncios de morte para alguns povos, como o norueguês.

Além disso, Ramos *et al.* (2005) conferem ao animal o simbolismo de aspectos maternos, tanto os destrutivos quanto os de cuidado e proteção. Sobre os aspectos destrutivos, as autoras utilizam o conto da *Chapeuzinho Vermelho* para se referir a eles. No conto, a menina deseja visitar sua avó, que foi devorada pelo lobo que conversou no caminho, e devora a menina ao se passar por sua avó. Sobre os aspectos de cuidado e proteção, as autoras retomam o mito fundador de Rômulo e Remo, que foram alimentados e criados por Lupa, uma loba gigante. Além desse conto, Ramos *et al.* (2005) também discutem sobre o tema da criança abandonada e criada por lobos, como *Mogli*, do escritor Kipling.

O lobo também aparece associado a aspectos demoníacos, como símbolo do mal e da destruição. Segundo Ramos *et al.* (2005) a provável explicação para essa projeção da sombra coletiva nesses animais pode ter a ver com a sua aparência, ataques realizados ao ser humano e a dificuldade da sua domesticação. Eles também são associados aos rituais de bruxaria, sendo, por vezes, considerados disfarces para bruxas e bruxos (Ramos *et al.*, 2005).

A partir do simbolismo do lobo, podemos traçar alguns paralelos a respeito do simbolismo do cão, considerando a sua aproximação em termos biológicos na família dos canídeos. É notável que alguns elementos se sobrepõem e outros se misturem, mas talvez a diferença crucial entre ambos esteja ligada à proximidade com o ser humano a partir do processo de domesticação. O cão é considerado um animal mais próximo em termos de companhia e lealdade, enquanto o lobo parece representar um aspecto mais selvagem e livre.

3.2 O simbolismo do gato

O gato aparece nos contos e mitos com significados similares ao cão, mas que merece destaque para aspectos divergentes. Segundo Von Franz (2003), a proximidade dos gatos com os seres humanos ocorreu pela mitologia egípcia o considerar divino. A autora apresenta Bastet, deusa egípcia felina, que possuía status

importante dentro da hierarquia dos deuses, pois era considerada como a protetora do mundo dos mortos, assim como a guerreira do deus Rá. Outra deusa felina do panteão egípcio, Sekhmet era, em algumas variações, uma faceta de Bastet, mais guerreira e menos domesticada (Silveira, 1998).

Ramos *et al.* (2017) identificam que o gato no Egito Antigo, era mumificado e enterrado, pois era considerado o guia para o pós-vida. As autoras identificaram que o faraó Tutancâmon foi guiado por um gato preto após sua morte. Os animais representavam características desejadas para vencer os desafios, como a utilização de força e agilidade. Além disso, Ramos *et al.* (2017) expõem que o gato era utilizado como formas de cura, sendo por vezes seu pelo misturado a leite humano e resina em unguentos para curar queimaduras.

Apesar do culto ao animal no Egito, Von Franz (2003) explica que a partir da Idade Média, o gato passou a ser associado à bruxaria, criando uma ambivalência em relação aos seus significados para as pessoas, e conseqüentemente, sobre os símbolos associados a ele. Em muitas culturas, o gato passou a ser considerado como símbolo de poderes demoníacos ou como a forma tomada por bruxas para amaldiçoar as pessoas.

Bachmann (2016) identifica que o gato é associado à deusa Afrodite para a mitologia grega, aproximando seu significado aos aspectos do feminino e da cura. Von Franz (2003), afirma que durante o período da Idade Média, o feminino foi muito reprimido pelo cristianismo, promovendo perseguições a mulheres que fossem diferentes do padrão imposto pela religião, e tais perseguições acabaram por atingir esses animais também. A autora expõe:

[...] A projeção recaiu especialmente sobre o gato preto, ainda hoje sinal de desdita quando cruza o caminho de alguém. Assim o gato também tem muito a ver com a individualidade independente do feminino (Von Franz, p. 78, 2003).

Além disso, Ramos *et al.* (2017) expõem que o gato preto foi associado ao azar e mau agouro, além da associação com a bruxaria e cultos demoníacos. No conto de Edgar Allan Poe, "O gato preto" (1843/2019), o animal também é associado às bruxas e aos efeitos sobrenaturais que acontecem ao narrador. Os gatos pretos eram queimados em rituais de purificação e expiação do Mal, como descrito por Ramos *et*

al. (2017), e ainda são os animais mais maltratados e perseguidos, sobretudo em sextas-feiras 13 ou no Dia das Bruxas, no Brasil e em outras partes do mundo.

Ao gato, também é atribuída qualidades mercuriais, uma vez que ele é constantemente representado como o guardião da árvore da vida, mediador de conflitos, guia da alma, o que nos permite interpretá-lo como um psicopompo, assim como o cão (Von Franz, 2003). Dentre essas qualidades, os aspectos de esperteza e agilidade são constantes em mitos e contos, sendo um exemplo disso a fábula “O gato e a raposa”, de La Fontaine, na qual o gato ultrapassa a astúcia da raposa e assim, evita a morte (Ramos *et al.*, 2017).

Sobre o aspecto de psicopompo, Ramos *et al.* (2017) identificam que essa característica é atribuída ao animal pela fama que possuem de não perderem o caminho. Além da mitologia egípcia, as autoras citam os mitos celtas e finlandeses sobre os gatos como mediadores entre mundos. Dessa forma, as autoras concluem:

[...] a projeção dessas qualidades no gato deve-se basicamente à sua capacidade de enxergar no escuro e se orientar no espaço, o que o torna símbolo da função transcendente, aquele que liga consciente e inconsciente (Ramos *et al.*, 2017 p. 108).

Para as tradições chinesas e japonesas, o gato é considerado uma força protetora, por ser capaz de enxergar no escuro, e assim, afugentar os espíritos malignos (Ramos *et al.*, 2017). Além disso, nessas culturas, o animal também é considerado como aquele que traz sorte e riquezas. Bachmann (2016) também atribui ao gato a função de proteção a pragas, sendo que sua perseguição na Idade Média teve papel considerável na propagação da Peste Bubônica, uma vez que a população de gatos diminuiu, e conseqüentemente, aumentou a de ratos que eram infestados com as pulgas transmissoras da doença.

4 A PSICOTERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

Boris Levinson, psicólogo lituano, que imigrou para os Estados Unidos durante a década de 20, é considerado o primeiro a documentar e teorizar sobre o uso de animais na clínica psicoterápica. Seu livro, publicado pela primeira vez em 1969, sob o título *“Pet-Oriented Child Psychotherapy”*, expõe sobre as possibilidades da introdução de um animal, no caso, seu cachorro Jingles, no atendimento infantil. O autor utiliza da Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby, e a psicanálise, com ênfase na teoria desenvolvida por Winnicott sobre o atendimento infantil para explicar e justificar tal introdução (Levinson, 1997). Apesar de ser o pioneiro no tema, Levinson não obteve recepção positiva por parte de seus colegas e seus estudos foram retomados e validados após biógrafos de Freud recuperarem materiais indicando que o psicanalista atendia com seus animais e chegou a observar efeitos positivos em seus pacientes (Fine, 2015).

De acordo com Levinson (1997, tradução nossa, p. 18), os “[...] animais de estimação representam uma estação intermediária no caminho de volta ao bem-estar emocional”, ao discorrer sobre como o ser humano tornou-se alienado de suas emoções e de sua conexão com a natureza no último século. Dessa forma, a importância do animal de companhia é de que ele serve como ponte entre a conexão perdida e o ser humano alienado.

Nise da Silveira observou o mesmo efeito. A autora foi a primeira brasileira a introduzir o uso de animais no contexto de saúde mental no país, ao acaso, durante a década de 50 (Silveira, 2019). Ela notou a relação dos pacientes diagnosticados com esquizofrenia do Hospital Psiquiátrico Pedro II e animais que foram adotados pela seção de terapêutica ocupacional. Para Silveira (2019), os animais, sobretudo o cachorro, serviam como uma ponte entre o mundo interno dos pacientes, que se encontrava desorganizado, para o mundo externo, que exigia adaptação, assim como para Levinson (1997). Desse modo, a partir da relação desenvolvida com os animais, os pacientes conseguiam estabelecer vínculos significativos.

Carlos Pertuis, paciente de Nise da Silveira, era conhecido na seção terapêutica por criar neologismos indecifráveis. Carlos acabou criando um vínculo expressivo com Sultão, um dos cachorros do hospital. Infelizmente, após um ataque

à forma como Nise da Silveira conduzia os atendimentos, recusando o eletrochoque, ocorreu o envenenamento de todos os animais presentes no hospital.

Tal fato, que além de ter sido sentido pela equipe, ocasionou a regressão significativa dos quadros dos pacientes, principalmente o de Carlos. Após dois anos, ele conseguiu estabelecer uma conexão com outro cão, Sertanejo. Silveira (2019) destaca que Carlos passou a ser responsável pelos cuidados dos animais, sendo possível compreender seus neologismos através dessa relação, além de conseguir completar frases gramaticalmente estruturadas diante da necessidade. No caso, uma das palavras destacadas foi “nonai”, cujo significado seria “valente”. Acerca da frase construída, ela foi criada no contexto de Carlos precisar comprar curativos para Sertanejo e para isso, pedir dinheiro aos monitores da seção (Silveira, 2019).

Sobre a relação que desenvolvemos com os animais, Levinson (1997) cita que o ser humano buscou inconscientemente a presença de animais para auxiliar seu bem-estar através da história, citando o exemplo da existência do York Retreat na Inglaterra, uma clínica para cuidados com a saúde mental, durante a metade do século XVIII como um dos primeiros registros de espaços voltados a interação entre seres humanos e animais com o intuito de promover saúde mental. O autor também destaca a presença dos animais pela Cruz Vermelha durante a Segunda Guerra Mundial, a partir do desejo de um dos soldados machucados de ter um animal por perto. Florence Nightingale, importante sanitarista e considerada a fundadora da enfermagem moderna, em 1860, já havia observado a importância da companhia de animais a pessoas doentes (Fine, 2015).

Em relação ao animal no consultório clínico, Levinson (1997) registra que sua primeira atuação foi sem planejamentos. Ele conta que um dia estava em seu consultório quando recebeu a visita inesperada de uma criança, Johnny, que já havia passado em outros psicólogos, mas ninguém conseguia atendê-lo. Seu cachorro, Jingles, que nunca era permitido na sala, foi imediatamente receber a criança acompanhada de sua mãe. Para surpresa do autor, o cão começou a lamber a criança e ela não se mostrou com medo dele.

Após finalizar a conversa com a mãe, Levinson (1997) percebeu que a criança manifestou vontade de retornar e brincar com o cachorro novamente. Ele afirma que assim, lentamente, Jingles passou a ser incluído nas sessões

subsequentes, sendo que, apesar da criança não se dirigir ao terapeuta pessoalmente, eles desenvolveram várias conversas e brincadeiras que giravam em torno do animal, e aos poucos, o quadro da criança, que foi considerado grave, teve sucesso. O autor atribuiu isso à presença de Jingles no atendimento (Levinson, 1997).

Parish-Plass (2020) realizou um levantamento bibliográfico sobre a Psicoterapia Assistida por Animais, termo que define o uso de animais no contexto clínico, em situações de trauma do desenvolvimento infantil. A autora demonstra que o uso de animais no tratamento de pacientes com essas características é relevante, sobretudo por trabalhar o aspecto do vínculo terapêutico. Isso foi reforçado por um estudo elaborado por Schneider e Harley (2006), os quais identificaram que a presença dos cães tem uma influência positiva em relação à avaliação dos terapeutas, destacando as qualidades de afetividade e confiança, mas não influenciando a percepção de competência. Nesse sentido, a presença de cães no consultório parece depositar na figura do terapeuta características de confiança, que são cruciais para a construção de um vínculo terapêutico, principalmente em pacientes com sintomas de trauma.

Embora não utilizasse a nomenclatura supracitada, Woloy (1990), psiquiatra norte-americana e analista junguiana, também atende com animais em seu consultório clínico. A autora, que escreveu um livro sobre a relação do cão com o ser humano a partir da Psicologia Analítica, também compreende o animal no consultório como um objeto transicional. Assim como Renard (2020), Woloy (1990) percebeu a importância de seu animal no consultório a partir dos sonhos de seus pacientes. A autora infere que a projeção que ocorre nessa relação é a de identificação com o animal, ou seja, quando a pessoa projeta uma parte de si no animal, e a partir do cuidado com ele, seria como se estivesse cuidando de si mesma.

Levinson (1997) destaca sobre as possibilidades da inclusão de animais no atendimento infantil, diferenciando-as no atendimento a adultos. Segundo o autor, ambos interagirão com o animal a partir de suas próprias projeções, apenas com a diferença da linguagem a ser utilizada. A presença do animal e a possibilidade da criação de um vínculo com ele, permite que o animal quebre com o padrão esperado e as crianças queiram retornar ao atendimento. A psicoterapia com adultos, segundo Levinson (1997), consiste em compreender a relação simbólica entre humano e animal, considerando que essas projeções provavelmente serão repetições de

atitudes em relação a figuras de autoridade. Assim, o atendimento não consistiria em uma brincadeira com o animal necessariamente, mas sim poder acessar conteúdo a partir do animal, de histórias sobre o animal ou das projeções direcionadas a ele.

Ao discorrer sobre o desenvolvimento infantil, Levinson (1997) sinaliza que a criança, no início, não sabe a diferença entre ela e o mundo, e que os animais podem atuar como objetos transicionais a fim de facilitar essa transição. De acordo com o autor, à medida em que crescem, esse objeto transicional passa a desaparecer ou ter outro tipo de efeito, mas em momentos de crise ou tensão emocional, o objeto transicional pode se transformar como uma defesa contra a ansiedade, inclusive em adultos. Levinson (1997) destaca que há preferências de objetos fofos e peludos, sendo comum que o objeto transicional da criança seja um pedaço de cobertor ou um bicho de pelúcia. Para ele, o animal ajuda a recriar esse vínculo, sendo que em algumas famílias, o próprio animal de companhia é aquele que desempenha essa função.

Keiserman (2018), em sua tese de doutorado intitulada *“Projeto Cão Pipoca: os impactos da presença de cães terapeutas em sala de espera da perspectiva de funcionários, estagiários e professores supervisores em uma clínica escola”* denomina como Elo Terapêutico a relação estabelecida entre o profissional e seu animal durante o Serviço Assistido por Animais. Tal vínculo é elemento crucial a ser estabelecido, pois é a partir da relação não verbal de confiança mútua que permite qualquer tipo de atendimento acompanhado de animais. Keiserman (2018) destaca a importância de que o profissional consiga perceber os comportamentos de seu animal e saiba intervir quando for necessário, fato ressaltado por Fine (2015) ao definir guias para como animais podem ser usados em diferentes contextos.

Em relação à ética de atendimento, como citado por Keiserman (2018), outros autores destacam a importância de um compromisso ético com o animal, como Parish-Plass (2013) apresenta o Código de Ética da *The Israeli Association of Animal-Assisted Psychotherapy*, o qual prevê que o profissional deve ser responsável por garantir o bem-estar do animal. Dessa forma, a autora compreende que os limites do animal devem ser respeitados, a fim de que não trabalhe sob estresse, garantir visitas regulares ao veterinário, assim como as obrigações sanitárias sejam cumpridas como vacinação, vermifugação, higiene em dia, entre outros. Isso é corroborado por Fine (2015), o qual inclui que apenas animais domesticados devam ser utilizados, assim

como animais que estejam física e emocionalmente saudáveis, tenham boa socialização e recebam treinamento a partir de técnicas como o reforço positivo. Além disso, também precisam ser avaliados anualmente e realizar exames para prevenir zoonoses.

Sobre a seleção de animais para os serviços, Levinson (1997) sugere que os animais precisam passar por adestramento básico e dessensibilização, similar com o processo exigido de cães-guia. Dentro dos regulamentos das principais instituições sobre Serviços Assistidos por Animais, no entanto, não existem protocolos específicos para esse treinamento, mas Fine (2015) informa que há materiais disponíveis para verificar o bem-estar animal ou seu comportamento, como o *Pet Assisted Therapy-Welfare Assessment Tool (PAT-WAT)* e o *Canine Good Citizen Test*, do American Kennel Club, os dois em língua inglesa e não traduzidos para o português. Fine (2015) compreende que os responsáveis pelo animal devem receber treinamento sobre zoonoses, comportamento animal e práticas de controle de infecção para estarem aptos a trabalhar com esses animais. Além disso, devem garantir descanso, água e evitar o estresse do animal. Dessa forma, é imprescindível que o profissional conheça sobre o animal utilizado, assim como sua personalidade e temperamento.

Animais agressivos não costumam ser utilizados nos serviços, contudo, também é importante compreender que apesar dos treinamentos e apesar do processo de domesticação, animais possuem mecanismos de defesa, e que alguns acidentes podem ocorrer como mordidas, arranhões, destruições de mobília, entre outros. Por isso, Fine (2015) ressalta a importância de que os profissionais aprendam sobre leitura de sinais corporais dos animais. Levinson (1997) sugere que precauções podem ser tomadas a fim de evitar isso, sendo elas: garantir que o animal não esteja sob estresse, o que pode incluir pausas necessárias durante os atendimentos, criar uma rotina para o animal, sinalizar os pais e os pacientes que os limites do animal devem ser respeitados, entre outras.

Sobre o temperamento do animal, existem algumas divergências na literatura. Para Parish-Plass (2024), os animais não devem ser adestrados de forma a perderem sua personalidade, ou receberem treinamentos de dessensibilização, pois esse é o principal fator que permite o processo de psicoterapia. Desse modo, alguns comportamentos inesperados do animal, como fazer suas necessidades durante o atendimento ou mostrar desconforto diante de alguma situação como ter o rabo

puxado, podem ser ferramentas importantes a serem elaboradas na clínica. No livro organizado por Fine (2015) também existem divergências entre os autores, enquanto alguns defendem que apenas animais calmos, amigáveis e confiantes devem participar dos atendimentos, outros indicam que além disso, animais mais agitados podem ter um desempenho melhor em sessões lúdicas.

4.1 Nomenclaturas em debate: uma revisão de revisões

Em relação às pesquisas sobre o tema, realizou-se um levantamento das revisões já existentes sobre o uso de cães para tratamentos psicológicos. A pesquisa consistiu em levantar material sobre o campo de estudo da Psicoterapia Assistida por Cães, a fim de compreender quais principais temas estão sendo estudados na área com maior intensidade. As bases de dados utilizadas foram: *PsychInfo*, *Web of Science* e *Scopus*, com os seguintes descritores, verificados pelo DeCS/MeSH: "animal assisted therap*" OR "pet therapy" OR "pet assisted therap*" OR "animal assisted psychotherap*" OR "canine assisted interventions" OR "animal assisted interventions" AND ("psychotherapy" OR "Psychological therapy") AND ("systematic review").

Ao todo, foram encontradas quarenta revisões sistemáticas nas bases de dados, sendo duas delas no *PsychInfo*, catorze no *Web of Science* e vinte e quatro no *Scopus*. Dessas, a partir da seleção por títulos e resumos cujo critério de exclusão era referente a atuação de psicólogos com animais em contextos psicoterapêuticos, restaram vinte e sete artigos. Após a remoção dos repetidos, sobraram dezenove. Cinco trabalhos foram excluídos por serem apenas referentes à terapia assistida por equinos, um trabalho foi excluído por não ser revisão sistemática e três trabalhos foram excluídos por não focarem na terapia assistida por cães. Ao final, dez artigos foram selecionados para compor esse levantamento (Hoagwood *et al.*, 2017; Hawkins *et al.*, 2019; Jones *et al.*, 2019; Hediger *et al.*, 2021; Vitte *et al.*, 2021; Chirico *et al.*, 2022 ; Collier *et al.*, 2022 ; Fennig *et al.*, 2022; Wagner *et al.*, 2022; Villarreal-Zegara *et al.*, 2024). Todas as revisões sistemáticas selecionadas seguiram os padrões PRISMA.

Hoagwood *et al.* (2017) realizaram uma revisão sistemática a fim de verificar as evidências da Terapia Assistida por Animais em relação a crianças e adolescentes com condições de risco à saúde mental. O método apresentado pelos autores foi de levantar estudos realizados entre 2000 e 2015, comparando entre eles os tipos de animais utilizados, intervenções e os resultados obtidos. De 1535 artigos, vinte e quatro foram avaliados, sendo que onze eram referentes a ensaios clínicos randomizados e destes, nove eram referentes aos últimos dois anos do intervalo estabelecido. Em relação aos resultados obtidos, os autores identificaram que onze estudos eram de equoterapia, dez estudos de terapia com cães e três estudos com múltiplos animais, como cavalos, cachorros, gatos, coelhos, animais de fazenda e porquinhos da Índia. Nas terapias com cavalos, foram utilizadas terapias semiestruturadas, enquanto para os cães e os múltiplos animais, não havia estrutura específica de tratamento (por exemplo: fazer carinho, pentear, brincar com). Ao avaliar os trabalhos selecionados pela revisão sistemática, o estudo percebeu que há uma forte correlação entre o trabalho da equoterapia e o autismo e a intervenção de cães e o trabalho referente ao trauma nas publicações feitas até o momento do estudo. Dessa forma, identificou que os Serviços Assistidos por Animais podem ser considerados tratamentos complementares e benéficos para a população estudada.

A revisão sistemática realizada por Hawkins *et al.* (2019) teve como objetivo verificar a efetividade da Terapia Assistida por Animais em casos de esquizofrenia e outros transtornos relacionados. Os estudos selecionados deveriam ser referentes a estudos clínicos randomizados e controlados e somente elegíveis caso comparassem a Terapia Assistida por Animais com um grupo controle. De 3956 estudos, apenas sete se encaixavam nos critérios estabelecidos, e os autores concluíram que até o momento da revisão, não há estudos conclusivos sobre os efeitos da Terapia Assistida por Animais e o tratamento de pacientes com esquizofrenia. Dessa forma, até o momento do estudo, não conseguiram identificar benefícios significativos nos trabalhos escolhidos relacionados à esquizofrenia.

Jones *et al.* (2019) propuseram uma revisão sistemática a fim de identificar as características da Psicoterapia Assistida por Cães e a adolescência, focando na aceitação, tolerância e viabilidade do tratamento para o público-alvo com questões de saúde mental. Dos 3985 estudos, a partir dos critérios de exclusão, foram selecionados sete. Os critérios utilizados foram: Tratamento utilizado com técnicas

psicoterapêuticas facilitados por um profissional da saúde mental, com a presença de um cão, e a literatura deveria ter sido publicada com revisão de pares, escrita ou traduzida para a língua inglesa e ser de caráter qualitativo ou quantitativo. Apesar de poucos estudos para a amostra, os autores conseguiram concluir que a Psicoterapia Assistida por Cães (PAC) apresenta um alto nível de aderência pelos adolescentes, fato relevante, por se tratar de uma faixa etária que geralmente é de difícil vinculação com os profissionais. Os estudos apresentaram redução significativa dos sintomas de Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) e uma diminuição significativa para o risco de diagnóstico de TEPT entre os adolescentes. Os autores também verificaram que há evidências que sugerem que a PAC pode melhorar a eficácia dos tratamentos de saúde mental, principalmente de transtornos psiquiátricos graves. A PAC também pode oferecer benefícios adicionais por meio de fatores secundários que melhoram os processos e a qualidade terapêutica, como a frequência e retenção nos tratamentos, a socialização positiva e a sensação de conexão. Os autores desta revisão propuseram que deve haver uma nomenclatura clara para descrever as interações entre os cães, facilitadores e participantes, além de fornecer recomendações para o estabelecimento de protocolos de intervenção PAC que sejam teoricamente fundamentados e padronizado, de forma a se transformarem em manuais da prática. Esses protocolos podem, posteriormente, formar a base para testes de eficácia e efetividade por meio de ensaios clínicos randomizados, segundo os autores.

Hediger *et al.* (2021) realizaram uma revisão sistemática e uma meta análise sobre a efetividade de Intervenções Assistidas por Animais (IAAs) para crianças e adultos com TEPT e depressão. Dos 22.211 artigos, 41 estudos foram selecionados para a análise final, publicados entre 2003 e 2018. Os pesquisadores verificaram que 32 deles foram realizados nos Estados Unidos da América (EUA), 1 no Canadá, 4 na Austrália, 3 na Europa e 1 em Israel. A maioria das pesquisas (22 estudos) tinham como público-alvo veteranos de guerra, seguido por abuso físico e sexual (9 estudos) e outros. A pesquisa concluiu que as IAAs têm efeitos benéficos para a redução de sintomas de TEPT e depressão, com pequena superioridade não significativa estatisticamente em comparação ao tratamento padrão de TEPT. No entanto, também ressaltaram que há uma alta variabilidade dos resultados, indicando

a necessidade de pesquisas que apresentem menores riscos de viés e que sejam de ensaios clínicos randomizados a fim de oferecerem resultados mais específicos.

Com o objetivo de verificar a efetividade do papel de cães no tratamento do TEPT, Vitte *et al.* (2021) selecionaram dezesseis artigos de 489 resultados, sendo três relativos a ensaios clínicos randomizados. Todos os estudos tinham como população-alvo veteranos de guerra, majoritariamente homens, jovens, que serviram no Iraque ou Afeganistão. Alguns estudos encontraram efeitos significativos na redução dos sintomas de TEPT, sintomas de depressão e raiva com o uso de cães acompanhantes, enquanto outros estudos não encontraram resultados significativos. Alguns dos desafios incluíram cuidar e adquirir um cão acompanhante e o impacto na saúde dos cães associados a veteranos com sintomatologia severa. Os autores identificaram que o uso de cães no tratamento de TEPT parece ser promissor, mas a heterogeneidade dos métodos, assim como a falta de rigor nos estudos atuais limitam a validade dos resultados.

Collier *et al.* (2022) realizaram uma revisão sistemática para verificar o efeito da presença do cachorro na aliança terapêutica. Dentre os estudos levantados, apenas seis preencheram os critérios, sendo que havia uma variação dentro dos estudos em relação ao cão, como apenas a presença dele, assim como a participação ativa em intervenções específicas. Os autores também fizeram uma diferenciação entre as raças de cães utilizadas, sendo elas: Labrador, Belgian Mallinois, Cavalier King Charles Spaniel, Beagle, Collie/Labrador, cujas idades variaram entre um e oito anos, em diferentes níveis de treinamento e experiência. Os estudos selecionados pela revisão utilizaram escalas para medir a aliança terapêutica. Em relação aos resultados obtidos, os autores verificaram que a presença dos cães teve resultados positivos para melhorar a aliança terapêutica, mas indicam cautela na interpretação dos dados, uma vez que diferentes tipos de cães, tanto em relação a raça, tamanho e personalidade, podem influenciar nesse resultado.

Chirico *et al.* (2022) buscaram examinar os benefícios da posse de animais domésticos e programas de Terapia Assistida por Animais entre militares ativos e veteranos com TEPT ou sintomas de TEPT. Dentro dos 3148 resultados, foram selecionados vinte e cinco estudos, realizados nos EUA, Austrália, Dinamarca e Israel. Cerca de doze estudos eram referentes a programas assistidos por cães, onze estudos com equoterapia e dois com outros animais. Os autores concluíram que as

IAAs podem auxiliar no tratamento de sintomas de TEPT em veteranos de guerra, assim como também na construção de vínculos positivos com veteranos.

A pesquisa realizada por Fennig *et al.* (2022) teve como principal objetivo verificar a Terapia Assistida por Animais no tratamento de Transtornos Alimentares a partir de uma revisão sistemática. Dos 28 estudos identificados, 12 artigos foram selecionados para compor a análise. Foram selecionados tanto estudos qualitativos quanto quantitativos. Os qualitativos relataram benefícios significativos da Terapia Assistida por Animais tanto pelos profissionais quanto pelos pacientes e os estudos quantitativos encontraram efeitos positivos da Terapia Assistida por Animais para o tratamento de Transtornos Alimentares. Além disso, os estudos continham diversos tipos de animais como cães, cavalos e até mesmo um estudo com golfinhos. As autoras concluíram que há benefícios e potenciais no tratamento de Transtornos Alimentares com a Terapia Assistida por Animais em comparação ao tratamento tradicional.

Wagner *et al.* (2022) identificaram a necessidade de compilar o estado atual de como as IAAs funcionam, especificamente hipóteses para os fatores específicos e não específicos que tinham sido considerados mais importantes até o momento da pesquisa. Dos 2001 estudos levantados, foram identificados 172 para compor a revisão sistemática. Os resultados foram classificados onze categorias: interação ser-humano e animal; não especificadas; movimento do animal; facilitador social ou catalítico; relacionamento com o animal; outros; presença do animal; contato físico; suporte social ou emocional; cuidar de um animal; atividade física, que poderiam identificar como as IAAs funcionam. Os autores ressaltaram que algumas das pesquisas levantadas não propõem hipóteses sobre o funcionamento das IAAs e destacam que animais de diferentes espécies, cores, personalidades, raças, entre outros, podem ter alterações significativas em relação a Terapia Assistida por Animais. Além disso, verificam que apesar dos estudos na área terem crescido exponencialmente na última década, até hoje não foi solucionado o mecanismo de ação das IAAs. Deve-se ressaltar que nesse trabalho, não foram consideradas as elaborações teóricas para o funcionamento da interação entre animais e pessoas que já existem na área.

Villarreal-Zegarra *et al.* (2024) realizaram uma revisão sistemática e meta-análise sobre a efetividade da Terapia Assistida por Animais e de Intervenções de

Animais Robôs na redução de sintomas depressivos em idosos. Dos 298 estudos levantados, vinte e três ensaios clínicos randomizados foram incluídos na revisão sistemática e desses, dezenove compuseram a meta-análise. Os principais animais utilizados foram: cães, gatos, robô de foca, pássaro e gato de brinquedo. Os autores destacaram que há redução significativa dos sintomas depressivos em idosos com o uso da Terapia Assistida por Animais, enquanto não há efeitos para o uso de Intervenções de Animais Robôs. Dentre os animais dos estudos analisados, os cães tiveram maior impacto na redução de sintomas depressivos.

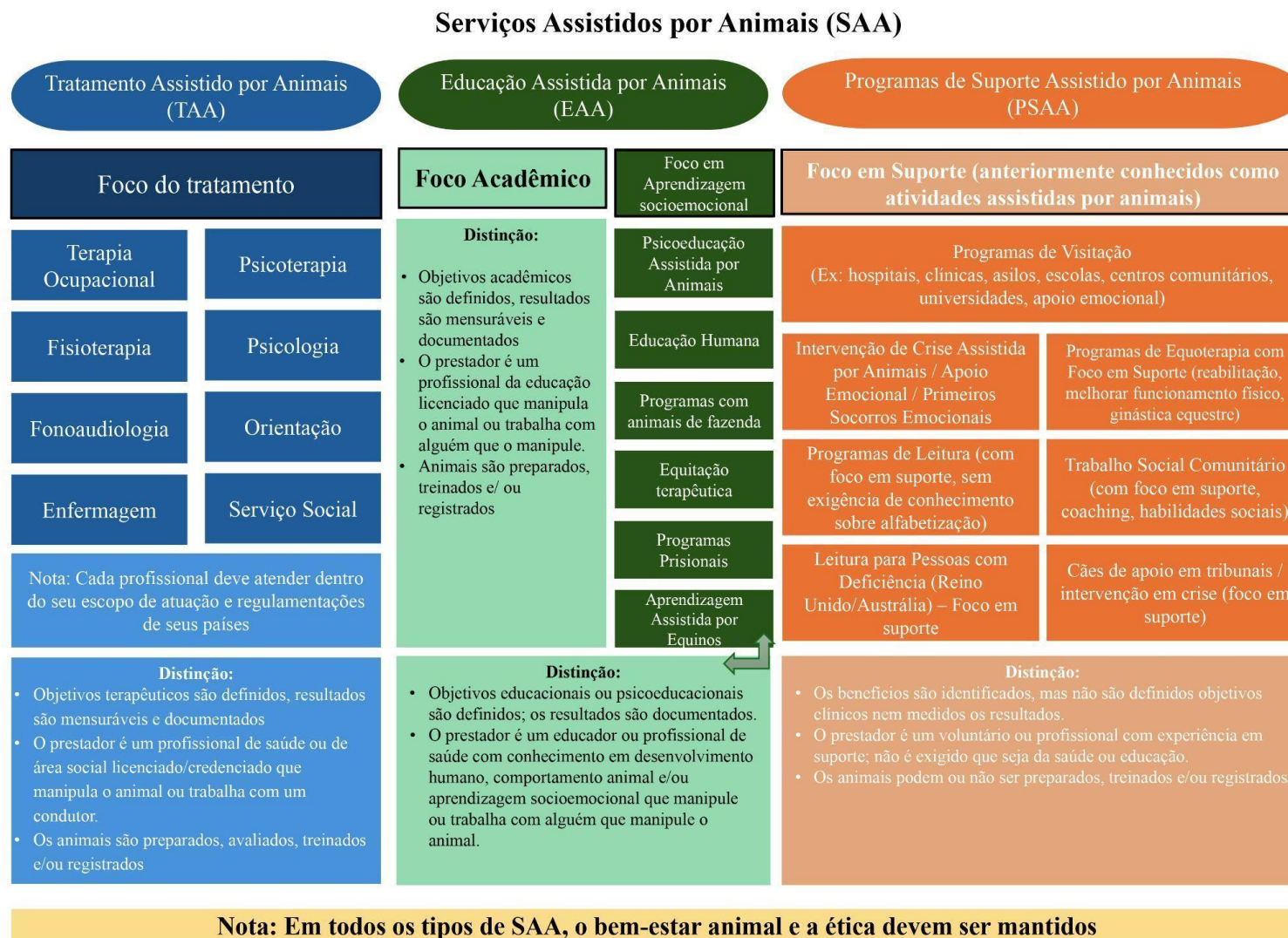
Em suma, os temas pesquisados pelas revisões sistemáticas sobre as Intervenções Assistidas por Animais identificaram: cinco trabalhos referentes a redução de sintomas de TEPT (Hoagwood *et al.*, 2017; Jones *et al.*, 2019; Hediger *et al.*, 2021; Vitte *et al.*, 2021; Chirico *et al.*, 2022), três em relação aos benefícios para a saúde mental (Hoagwood *et al.*, 2017; Hawkings *et al.*, 2019; Jones *et al.*, 2019), dois sobre a redução de sintomas de depressão (Chirico *et al.*, 2022; Villarreal-Zegarra *et al.*, 2024) e um sobre o tratamento de Transtornos Alimentares (Fennig *et al.*, 2022). Em relação ao público-alvo, as revisões sistemáticas abarcaram todas as faixas etárias: crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Dos dez artigos selecionados, apenas três realizaram uma revisão sistemática específica para Intervenções Assistidas por Cães (Jones *et al.*, 2019; Vitte *et al.*, 2021; Collier *et al.*, 2022). Quando se trata de diferentes espécies de animais, deve-se analisar que estas terão efeitos diferentes nos seres humanos, assim como em cães há diferenças da percepção e receptividade de humanos a diferentes raças (Woodward *et al.*, 2012).

Também é necessário considerar que diferentes atuações são realizadas com animais. Dentre os trabalhos levantados, apenas Jones *et al.* (2019) se referiram a Psicoterapia Assistida por Cães como principal foco de estudo do trabalho, enquanto as outras misturaram intervenções estruturadas e focadas dentro de um processo clínico com interações não estruturadas, como fazer carinho nos animais, escovar e outros cuidados. Isso pode implicar em diferentes resultados apresentados pelas pesquisas, uma vez que a hipótese de como funciona as Intervenções Assistidas por Animais ainda não está clara (Wagner *et al.*, 2022).

Até 2024, a nomenclatura utilizada era referente ao termo guarda-chuva Intervenção Assistida por Animais (IAA), que poderia conter: Terapia Assistidas por Animais (TAA), Atividades Assistidas por Animais (AAA) e Educação Assistida por Animais, sendo as principais diferenças entre elas referentes ao profissional que as aplicava. No entanto, após uma reunião entre as principais organizações internacionais sobre o assunto, como a International Association of Human-Animal Interaction Organizations (IAHAIO), Animal Assisted Intervention International (AAII), The Israeli Association of Animal-Assisted Psychotherapy (IAAAP), entre outras, estabeleceram recomendações para uniformizar as terminologias, a fim de evitar confusões em trabalhos científicos (Binder *et al.*, 2024), como as reportadas por esse levantamento bibliográfico e exemplificadas pela Figura 1.

Figura 1 - Exemplos de serviços assistidos por animais com as diferenças entre subgrupo



Fonte: Do autor, adaptado de Binder *et al.* (2024)

Dentre as recomendações, há uma distinção entre o que é terapêutico e o que é processo de terapia. Por esse motivo, serviços que incluem o uso de animais em visitas hospitalares precisaram ser alocados para Programas de Suporte Assistidos por Animais (PSAA), uma vez que o foco do trabalho consiste em visitas mensais e pontuais, sem necessariamente apresentarem um direcionamento e uma estrutura definida. Isso difere da Psicoterapia Assistida por Animais (PAA), que entraria como Tratamento Assistido por Animais (TAA), por ter uma estruturação de tratamento definida. Tais observações foram exemplificadas na Figura 1. Binder *et al.* (2024) também reforçam que essa mudança não consiste em desvalorização do serviço, que tem um amplo escopo de pesquisas estabelecidas, mas que serve para que novas pesquisas não confundam práticas que possuem características distintas.

Em suma, os trabalhos levantados nesta revisão de literatura permitem verificar que existem brechas estruturais e significativas nas pesquisas realizadas até o momento. É nítido a falta de revisões sistemáticas que permitam conclusões elucidativas a respeito dos diferentes tipos de Serviços Assistidos por Animais, sobretudo da Psicoterapia Assistida por Animais. Entretanto, destaca-se que os materiais apresentam resultados significativos referentes ao uso de animais para tratamento de TEPT, depressão, Transtornos Alimentares e outros benefícios para a saúde mental, ressaltando a importância desse tipo de atuação.

5 OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é investigar a presença de animal vinculado ao terapeuta no processo psicoterápico. Os objetivos específicos são:

- Conhecer as formas de inclusão dos animais nos atendimentos
- Investigar as relações estabelecidas na tríade animal-paciente-psicólogo/a
- Investigar aspectos simbólicos relacionados à presença do animal nos atendimentos

Dessa forma, a seguinte questão foi adotada para este trabalho: “de quais formas psicólogos (as) incluem animais em seus atendimentos psicoterapêuticos?”

6 MÉTODO

Este trabalho utiliza o método misto. É constituído por duas etapas, a quantitativa e a qualitativa, que se complementam e permitem um aprofundamento no tema estudado (Creswell, 2007). Esse método foi selecionado com a intenção de responder aos objetivos da pesquisa, assim como contemplar seu caráter exploratório. A parte quantitativa foi realizada através de uma coleta de dados utilizando um questionário eletrônico, apresentado no Apêndice B. A parte qualitativa se deu por meio de entrevistas fechadas, cujo roteiro encontra-se no Apêndice C.

Além disso, este trabalho se baseia no método de pesquisa junguiano que, segundo Wahba (2019) configura-se em estudar a subjetividade de um fenômeno, a partir do material criado em conjunto com os participantes, sendo que o método científico escolhido, deve responder às necessidades da pesquisa. Dessa forma, o trabalho foi considerado também em seu caráter exploratório, devido à falta de informações sobre o atendimento de profissionais com animais na literatura científica.

6.2 Participantes

6.2.1 Critérios de inclusão

Os critérios para a inclusão de participantes nessa pesquisa foram:(a) psicólogos/as com inscrição ativa no Conselho Regional de Psicologia e (b) que atuam ou tenham atuado com animais em consultório particular na modalidade presencial. Não houve preferência de gênero, de idade, de abordagem ou tempo de atuação. Compreende-se que os critérios de seleção deveriam ser mais abrangentes a fim de alcançar um número adequado de participantes.

6.2.2 Critérios de exclusão

Foram excluídos da pesquisa os participantes que (a) atuam ou tenham atuado com animais de forma online ou que atendam ou (b) tenham atendido

exclusivamente com animais dos pacientes. Excluiu-se da etapa das entrevistas aqueles participantes que não deixaram contato para participarem ou não responderam às mensagens enviadas pela pesquisadora, assim como aqueles que não foram sorteados para participarem das entrevistas.

6.2.3 Procedimentos de coleta


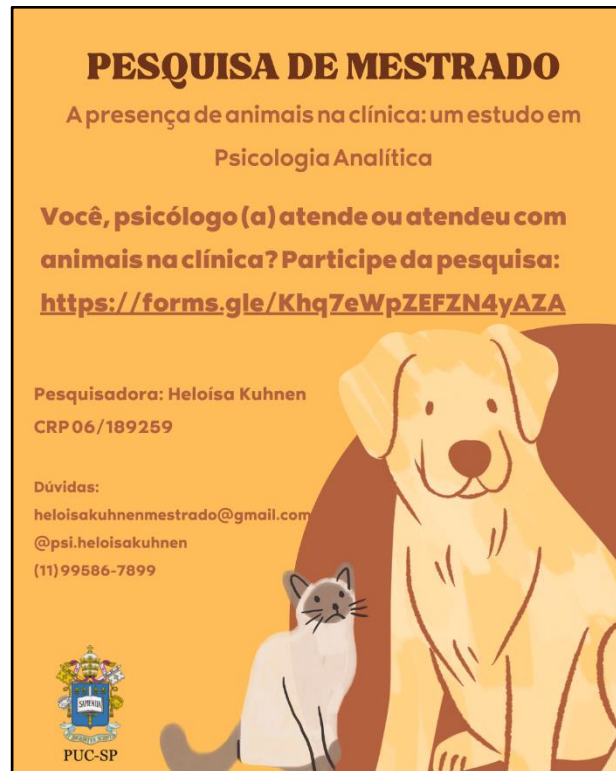
O questionário foi enviado para uma amostra de conveniência por meio da estratégia *snowball sampling*, através de redes sociais, grupos de *WhatsApp*, *Instagram*, *LinkedIn* e *Facebook* da pesquisadora, a fim de selecionar a maior quantidade de participantes possível. O convite para participação da pesquisa foi o seguinte: “Olá, colegas psicólogos (as)! Meu nome é Heloísa Kuhnen, sou psicóloga e mestranda no Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP. Minha pesquisa de mestrado busca investigar a presença de animais vinculados ao terapeuta na prática clínica. Se você é psicólogo(a) e já atuou ou atua com animais na clínica de forma presencial, sua participação será muito valiosa! Para participar, basta responder ao formulário no link abaixo:  <https://forms.gle/Khq7eWpZEFZN4yAZA>. Caso tenha dúvidas ou queira mais informações, estou à disposição pelos contatos abaixo: heloisakuhnenmestrado@gmail.com (E-mail); psi.heloisakuhnen (Instagram); (11) 99586-7899 (WhatsApp). Agradeço imensamente sua colaboração e apoio na divulgação! 😊 🌸”, seguido da Figura 2:

Figura 2 - Convite para participação da pesquisa.



Postagem compartilhada nas mídias sociais da autora. Fonte: Da própria autora (2025).

O formulário foi preenchido de forma online e anônima através da plataforma *GoogleForms*, como consta no Apêndice B. O participante que desejasse participar da etapa qualitativa de entrevista poderia deixar seu contato ao final do formulário. As entrevistas foram realizadas de forma online através da plataforma *Microsoft Teams*, gravadas e posteriormente transcritas pela pesquisadora. Ao entrar em contato com as pessoas interessadas em participar das entrevistas, acrescentamos perguntas que estavam previstas no formulário inicial, e aprovadas pelo comitê de ética, em relação a dados dos participantes: gênero, tempo de atuação e abordagem teórica. Por esse motivo, essas informações estão disponíveis somente para os participantes incluídos na parte qualitativa. Devido à limitação de recursos para condução de entrevistas, uma parcela dos participantes interessados foi aleatoriamente selecionada. O questionário permaneceu aberto e recebeu respostas entre o período de 21 de fevereiro a 21 de março de 2025. As entrevistas foram marcadas e realizadas entre os dias 24 de março a 12 de abril do mesmo ano, de acordo com a disponibilidade dos participantes.

6.3 Procedimentos éticos

Para o respectivo trabalho, foi utilizado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que consta no Apêndice A, com o objetivo de informar o (a) participante sobre a pesquisa, o uso dos dados da entrevista e a divulgação dos resultados posteriores. Além disso, o trabalho seguiu os protocolos estabelecidos pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 2012 e pelo Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP. O questionário (Apêndice B) apresentou o TCLE na primeira página do formulário, sendo que a continuação deste dependeria da confirmação do participante em dar continuidade a pesquisa, conforme sinalizado no Apêndice B. Para as entrevistas, foi utilizado o TCLE segundo consta no Apêndice A. O trabalho foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP sob o número CAAE 84632424.3.0000.5482.

6.4 Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram o questionário online (Apêndice B), realizado pela plataforma *GoogleForms* e entrevistas, cujo roteiro encontra-se no Apêndice C. O questionário foi elaborado pela pesquisadora com o objetivo de coletar informações sobre o atendimento de animais na clínica.

6.5 Análise dos materiais coletados

A análise estatística dos dados foi conduzida com o auxílio do software JASP, versão 0.19.1.0 (JASP Team 2024). O nível de significância estatística adotado neste estudo foi de $p < 0,05$. A análise das informações das entrevistas foi realizada a partir do software ATLAS.ti, versão 25.0.1 (ATLAS. ti Scientific Software Development GmbH, 2024).

Para a análise quantitativa, realizou-se uma análise descritiva com frequências absolutas e percentuais para caracterizar o perfil dos participantes e aspectos relacionados ao atendimento com animais. Em seguida, foram aplicados testes de associação entre variáveis categóricas utilizando o teste qui-quadrado (χ^2).

As associações identificadas com significância estatística foram destacadas com base no valor de p .

A análise das informações das entrevistas foi realizada a partir da teoria fundamentada nos dados, proposto por Charmaz (2014), a fim de diminuir o risco de viés do trabalho, uma vez que esse método se aproxima das respostas informadas pelos participantes, ou seja, está fundamentada nas informações obtidas através das entrevistas. A análise fundamentada prevê os seguintes passos: codificação livre das entrevistas, criação de memorandos, criação provisória de categorias, retorno aos códigos livres a fim de abstraí-los em conceitos teóricos e a diagramação dos conceitos teóricos (Charmaz, 2014). Nessa forma de análise, os processos não são necessariamente sucessivos, ou seja, retorna-se sempre para as informações obtidas a fim de criar conceitos teóricos que façam sentido com o material coletado.

Para isso, utilizou-se o aplicativo ATLAS.ti 25 (ATLAS. ti Scientific Software Development GmbH, 2024), o qual auxiliou no processo de codificação das entrevistas. Foram organizados 785 códigos iniciais, exportados para uma planilha do *Excel* e comparados entre si a fim de gerar categorias provisórias, para se tornarem, finalmente, conceitos teóricos. Posteriormente, foram realizadas comparações entre as respostas dos entrevistados e discussões a partir da perspectiva da psicologia analítica.

7 RESULTADOS

7.1 Características da amostra do questionário

Um total de 80 participantes respondeu ao questionário, dos quais 44 foram excluídos conforme os critérios estabelecidos: uma pessoa não era psicóloga, 21 não realizavam atendimentos com animais ou utilizavam animais de pacientes, e 22 realizavam os atendimentos exclusivamente na modalidade online. Assim, a amostra final foi composta por 36 respondentes. Dentre esses, 10 foram aleatoriamente selecionados para a etapa de entrevistas a partir de sorteio entre os participantes.

A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos dos participantes. A maioria era do sexo feminino (41,7%), embora um número expressivo não tenha informado o gênero (47,2%). Quanto ao tempo de formação, 27,8% tinham mais de 20 anos de formados, enquanto 44,4% não responderam essa questão. Em relação à abordagem teórica, a maioria dos participantes eram junguianos (30,6%), seguidos pela análise do comportamento (8,3%), teoria cognitivo-comportamental (5,6%), sistêmica familiar (2,8%), fenomenologia existencial (2,8%), psicanálise (2,8%), psicoterapia dinâmica relacional (2,8%) e 44,4% das pessoas não respondem a essa pergunta.

Tabela 1 - Caracterização da amostra (n = 36)

Variável	n	%
Sexo		
Feminino	15	41,7
Masculino	4	11,1
Não respondeu	17	47,2
Tempo de formado		
de 1 a 5 anos	2	5,6
de 5 a 10 anos	3	8,3
de 10 a 20 anos	5	13,9
20+	10	27,8
Não respondeu	16	44,4
Abordagem teórica		
Junguiana	11	30,6
Análise do comportamento	3	8,3
TCC	2	5,6

Variável	n	%
Sistêmica	1	2,8
Fenomenologia existencial	1	2,8
Psicanálise	1	2,8
Psicoterapia dinâmica relacional	1	2,8
Não respondeu	16	44,4

Fonte: Da própria autora (2025).

A Tabela 2 traz informações sobre os atendimentos com animais. A totalidade dos participantes realizava ou já havia realizado atendimentos com seus próprios animais, sendo a modalidade híbrida (presencial e online) a mais comum (72,2%). Os públicos atendidos eram majoritariamente adultos (81,6%) e adolescentes (75%). Os animais mais utilizados eram cães (83,3%), seguidos de gatos (33,3%). Essa predominância de cães, seguida por gatos em Serviços Assistidos por Animais corresponde ao que foi exposto por Fine (2015).

Quanto ao comportamento dos animais, 36,1% foram descritos como calmos, e 33,3% apresentavam mudança de comportamento conforme o paciente, ou seja, o animal variava de comportamento de acordo com o paciente que ali estava presente. O local do atendimento variava entre consultórios externos (63,9%) e residência própria (33,3%). A interação animal-paciente era, na maioria dos casos, física ou verbal (75%), e a relação entre terapeuta, paciente e animal sendo descrita principalmente como afetiva (38,9%).

Tabela 2 - Dados do atendimento com animais (n = 36).

Variável	n	%
<i>Atendimento</i>		
Atendo com meus animais	19	52,8
Já atendi com meus animais	17	47,2
<i>Modalidade do atendimento</i>		
Presencial	10	27,8
Presencial e online	26	72,2
<i>Público</i>		
Crianças	17	47,2
Adolescentes	27	75,0
Adultos	31	81,6
Idosos	19	52,8
<i>Sobre o animal no atendimento</i>		
Pertencem a mim	31	86,1

Variável	n	%
Pertence a um terceiro/organização	5	13,9
<i>Tipo de animal nos atendimentos</i>		
Cachorro	30	83,3
Gato	12	33,3
Outros	4	11,1
<i>Comportamento do animal nas sessões</i>		
Calmo	13	36,1
Receptivo	6	16,7
Mudança de comportamento conforme o paciente	12	33,3
<i>Local de atendimento</i>		
Própria residência	12	33,3
Consultório fora da residência	23	63,9
Outros	2	5,6
<i>Local do animal durante atendimento</i>		
Livre pela sala	16	44,4
Local fixo	8	22,2
Próximo ao paciente	2	5,6
Próximo ao terapeuta	10	27,8
<i>Interação animal-paciente</i>		
Física ou verbal	27	75,0
Ambivalente / Não interagem	4	11,1
Outros	5	13,9
<i>Relação estabelecida entre os três</i>		
Afetiva	14	38,9
Aliança paciente-animal	7	19,4
Mediador de vínculo	8	22,2
Outros	5	13,9

Fonte: Da própria autora (2025).

Na Tabela 3, são destacadas as principais associações estatisticamente significativas ($p < 0,05$). Os dados evidenciaram uma associação significativa entre o local em que o animal fica nos atendimentos com o tipo de relação estabelecida. Quando quando o animal permanecia livre pela sala durante os atendimentos, havia maior frequência de uma relação afetiva ser estabelecida ($p = 0,027$). Da mesma forma, a presença do animal próximo ao terapeuta também se associou a uma relação afetiva ($p = 0,018$). Considerando que esses animais são próximos aos terapeutas, esses dados fazem sentido. Outros achados incluem a associação entre gênero feminino e uso de cães ($p = 0,035$), e entre comportamento receptivo do animal e relações afetivas ($p = 0,032$).

Tabela 3 - Principais associações entre as variáveis (n = 36).

Variável 1	Variável 2	χ^2	Valor p
Local onde o animal fica durante os atendimentos (livre pela sala)	Relação (afetiva)	4,92	0,027*
Local onde o animal fica durante os atendimentos (próximo ao terapeuta)	Relação (afetiva)	5,64	0,018*
Gênero (feminino)	Tipo de animal (Cão)	4,46	0,035*
Comportamento do animal durante as sessões (receptivo)	Relação (afetiva)	4,58	0,032*
Público (idosos)	Aliança paciente-animal	3,78	0,052*

Fonte: Da própria autora (2025); χ^2 = teste qui-quadrado; * valor significante ($p < 0,05$)

A Tabela 4 sintetiza os principais temas emergentes das entrevistas realizadas com 10 participantes: solidão na prática clínica (60%) e intencionalidade no uso do animal durante os atendimentos (40%). Sobre esses temas, notou-se que estavam presentes de forma direta ou indireta ao longo das entrevistas de todas as participantes.

Tabela 4 - Temas predominantes nas entrevistas (n = 10).

Tema	n	%
Intencionalidade	4	40,0
Solidão	6	60,0

Fonte: Da própria autora (2025).

A Tabela 5 mostra as associações entre os temas da entrevista e variáveis quantitativas. A sensação de solidão sentida pelos participantes foi associada significativamente à localização do animal livre pela sala ($p = 0,035$), sugerindo que a maior liberdade de movimento do animal durante o atendimento pode favorecer percepções subjetivas de acolhimento e presença. Além disso, a intencionalidade do uso do animal associou-se com o atendimento a idosos ($p = 0,016$), indicando que profissionais que atendem essa população tendem a planejar mais intencionalmente o uso terapêutico dos animais.

Tabela 5 - Principais associações entre os temas da entrevista e as demais variáveis (n = 10).

Variável 1	Variável 2	χ^2	Valor p
Solidão	Relação (aliança paciente-animal)	2,86	0,091
Solidão	Local onde o animal fica durante os atendimentos (livre pela sala)	4,44	0,035*
Solidão	Local onde o animal fica durante os atendimentos (próximo ao terapeuta)	2,86	0,091
Solidão	Interação animal-paciente (física ou verbal)	3,75	0,053
Intencionalidade	Comportamento do animal durante as sessões	2,86	0,091
Intencionalidade	Público (idosos)	5,83	0,016*

Fonte: Da própria autora (2025); * χ^2 = teste qui-quadrado; * valor significante ($p < 0,05$)

Por outro lado, algumas associações não alcançaram significância estatística. Não foi encontrada significância para relação entre solidão do terapeuta e a presença do animal próximo ao terapeuta ($p = 0,091$) e entre solidão do terapeuta e interação física ou verbal com o animal ($p = 0,053$). Da mesma forma, não se observou significância entre solidão do terapeuta e aliança paciente-animal ($p = 0,091$), bem como entre intencionalidade e comportamento do animal durante as sessões ($p = 0,091$).

7.2 Resultados qualitativos – Síntese da presença de animais na clínica

Dez psicólogos/as que preencheram o formulário online participaram dessa etapa. Nove deles eram do gênero feminino e um participante do gênero masculino. Em relação ao tempo de formação, 70% dos participantes possuíam mais de 20 anos, 20% entre 5 e 10 anos e 1% de 10 a 15 anos. As abordagens teóricas consistiram em cinco participantes da psicologia analítica, dois da terapia cognitivo-comportamental, um da psicanálise, um da psicoterapia dinâmica relacional e um da sistêmica familiar. A média de tempo das entrevistas foi de 58,40 minutos (desvio padrão = 13, 37) e duraram entre 38 minutos e 80 minutos.

Sobre os animais que estavam em atendimento, seis utilizavam apenas um animal, sendo estes, cães, enquanto quatro participantes atendiam com dois ou mais bichos. Em relação a esses participantes, uma pessoa atendia ou já atendeu com um gato e um cão, uma com um cão, gato, tartaruga, peixes, porquinho da Índia e insetos, uma com três gatos e outra com dois cães e um papagaio.

Acerca do local de atendimento, cinco participantes relataram que atendem ou atenderam com os animais em sua própria residência, dois em casa comercial e três em prédios comerciais. Nove dos participantes utilizava ou utilizou seus próprios animais e uma estava com um cão-guia em socialização, de modo que o animal pertencia a uma organização. Nesse caso, o animal estava sob a responsabilidade da participante, durante o período de um ano, em todos os locais que frequentasse. Dentre os participantes, 60% não tiveram a intenção de que os animais estivessem na terapia, sendo que esta ocorreu de maneira espontânea. Os outros 40% dos participantes indicaram intencionalidade da presença do animal, ainda que não direcionada, ou seja, sem objetivos específicos.

7.2.1 O papel do animal nos atendimentos

Essa categoria foi criada com a intenção de condensar como os participantes fizeram o uso da presença dos animais na clínica, mesmo que nem todos utilizassem os mesmos recursos. Foi encontrado um extenso número de possibilidades para as funções do animal na psicoterapia, sendo elas: a) animal como

parte do discurso; b) animal como gerador de mudanças no ambiente; c) animais como pontes para o vínculo; d) animais como pontes para a natureza e outros humanos; e) suporte emocional do terapeuta; f) catalisador de emoções do paciente; g) corporeidade; h) dinâmicas de transferência e contratransferência; i) possibilidade de trabalhar o luto; j) animal como objeto para projeções.

Em relação a presença do animal como parte do discurso, foram identificadas a partir do uso criativo dos participantes, entre elas incluem a de criação de diálogos com o animal, ou seja, criar uma voz ou projetar possibilidades de resposta à figura do bicho; a criação de histórias sobre o animal, como o exemplo de uma participante que utilizou o fato do animal ter sido adotado para trabalhar com um paciente o tema da adoção; e a criação de metáforas a partir de comportamento ou personalidade do animal. Um exemplo disso encontra-se no trecho de duas participantes abaixo:

Vira assunto de terapia a coisa de não ser invasivo, de não perguntar, de não enfiar a mão [...] a gente tava tentando botar o passarinho para fora da sala, ganhou uma dimensão psicológica superinteressante com um menino que é muito bélico e da guerra [...] e que ele não gosta de sentar num lugar onde eu tô mais perto da porta do que ele, ele sempre tem que tá mais perto da porta, igual o passarinho. Ele sempre tem que tá num lugar que a fuga dele seja mais fácil e mais imediata do que o tempo que eu teria para impedir a fuga dele. E aí isso vira assunto de terapia. (Participante 1)

Eu vejo esse fenômeno e eu falo pra pessoa “Nossa veja, a (nome do animal) está acolhendo essa tristeza, os olhos caramelos dela estão pegando toda a sua dor, veja como, olha pra você”, aí a pessoa começa “ai (nome do animal) você tá vendo como eu tô triste?”, então ela vira um elemento. “O que você acha que ela tem pra falar pra você?” porque ela entra direto na emoção. (Participante 2)

Outra função significativa é que a presença do animal parece gerar uma mudança no ambiente do consultório, a partir das observações dos participantes e de comentários de seus pacientes. Em todas as entrevistas foi atribuída ao animal a função de modificar esse espaço, indicando que a presença dos animais pode promover uma sensação de acolhimento, conforto, calma, aconchego, assim como de um ambiente mais leve e familiar. Houve também menções à ampliação do setting

terapêutico, uma vez que os animais normalmente vão buscar os pacientes em sala de espera ou no portão.

Todos os participantes atribuíram a figura do animal a função de ser ponte para o vínculo entre paciente e terapeuta. Dessa forma, cinco participantes relacionaram isso a uma diminuição da resistência à terapia, enquanto outros três afirmaram sobre a possibilidade de poderem se conectar com os pacientes de forma mais genuína, uma vez que os animais faziam parte de sua vida e personalidade. Uma das participantes inclusive comentou que acredita que muitos pacientes continuaram em processo terapêutico por conta da presença do animal em sessão. Também foi feita a análise de que os animais facilitam na formação de vínculo com crianças e adolescentes, permitindo depositar na figura do terapeuta maior confiança.

Duas participantes mencionaram o fato de animais desempenharem função de conectar o ser humano a natureza. Ao permitir a entrada de animais na clínica, desse modo, mesmo que de forma espontânea, permitiu-se também um contato com a instintividade e a ecologia, segundo as participantes. Uma delas chegou a mencionar sobre a falta de contato com a natureza na cidade de São Paulo e os animais permitindo esse contato em passeios ou até mesmo durante os atendimentos. Assim, para as participantes, os animais desempenham função de reconectar o humano com a natureza. Do mesmo modo, também foi possível identificar pelos relatos dos participantes que o animal também humaniza o contato com outros humanos, podendo ser como descrito na categoria anterior, em relação ao terapeuta, mas também a outras pessoas. Um exemplo disso foi relatado por uma participante ao falar que durante os passeios, as pessoas eram muitas vezes obrigadas a conversar umas com as outras pela presença do animal.

(...) as pessoas vêm falando das crianças com dificuldade de autoridade e tal, se você faz uma fogueira, e você tá lá brincando, não tem, frente a natureza, nenhuma questão de autoridade. Eu nunca vi uma criança que tivesse problema de autoridade frente ao fogo, frente a natureza ou frente aos bichos. Tá lá e aquilo evoca um respeito muito natural e instintivo. Eu nunca tive uma criança que abusasse da fogueira ou que abusasse do bicho de alguma forma. (Participante 1)

Eu acho que humanizou. Engraçado, né? Ficou algo menos mecânico porque eu não controlo, né? O tempo também deles, tem hora que o (nome do animal) está subindo, ele sobe devagar e aí o paciente quer esperar, então

eu não tenho como apressar o paciente [...] eu atendi prédios entra e sai. Saio do elevador, vem, volta e assim a gente fazia dentro das clínicas que eu atendia era isso. Entrava e saía, tchau. (Participante 9)

Metade dos participantes mencionou o fato de que a presença do animal os auxilia a lidar com a solidão na clínica, enquanto os outros relataram uma sensação de bem-estar relacionada à presença do animal. Uma das participantes, inclusive, levou seu animal com o intuito de auxiliá-la a retomar seus atendimentos, após afastamento por Burnout. Conforme descreve no trecho:

Em 2020 eu entrei num processo de adoecimento, eu tive o Burnout [...] Sempre fiz terapia, por ser psicóloga, mas precisei também do auxílio, da parte de psiquiatra, né? E junto com o Burnout, a gente sabe que vem sintomas depressivos, ansiedade [...] E eu passei, passei a ter um pouco de medo de vir para a clínica porque a minha primeira crise que eu tive de ansiedade foi aqui [...]. E a primeira cachorrinha que veio aqui comigo foi a (nome do animal) [...] então eles me traziam assim, muita, muita segurança, que era um apoio emocional que eu tinha, né... Foi algo tão importante assim na minha vida que eu até me emocionei você percebeu, né? [...] E aí me ajudou demais. Assim, porque tinha dias que eu tinha medo. E são processos que a gente vai enfrentando sozinha, dia a dia até a recuperação, né? (Participante 3)

Outros participantes também atribuíram ao animal essa função de autorregulação emocional e amparo na solidão da clínica. Desse modo, sentiam que a presença do animal gerava sentimento de segurança e companhia, conforme os trechos abaixo:

Enquanto terapeuta, quando eles estão na sala eu me sinto autorregulada. Realmente eles são fontes extremas de ocitocina. Impressionante. Então eu fico muito mais calma quando ele estão aqui, me passam uma segurança emotiva, emocional. (Participante 2)

Ele é um companheiro, né? Eu acho que a nossa profissão é uma profissão muito solitária, né? Tudo bem, a gente tem lá o paciente... É uma solidão esquisita, né? Porque assim tem um movimento do consultório. A gente trabalha o dia todo, o paciente sai paciente, entra, mas existe um lugar que a gente fica só, né? Existe esses momentos das janelas, esses momentos que você está sozinha na sua sala, né? Então assim, eu acho que é uma companhia, né? Às vezes eu também brinco com ele nos meus intervalos, a gente interage. É, eu acho que ele preenche um pouco esse espaço, né? Que

às vezes fica... é diferente. [...] Eu me sinto acompanhada, é gostoso, ele está ali, né? Às vezes ele brinca, mexe no meu pé, então é. É gostosa essa relação, né? De se sentir acompanhada. Eu pelo menos sinto. Eu sentia muita falta. Assim, de uma companhia depois que eu saí de um consultório de uma clínica, há muitos e muitos anos, já que tinham vários profissionais e tinha hora do cafezinho. Tinha aquele momento que você conversava, eu passei a me sentir muito sozinha, né? (Participante 10)

Em relação aos animais enquanto catalisadores de emoções, os participantes afirmaram que a presença do animal permite com que os pacientes se sintam mais à vontade de chorar e de ser acolhidos. Uma participante destacou que esse acolhimento é diferente daquele oferecido pelos profissionais, pois para ela, o animal ofereceria um tipo de afeto que muitas vezes seria impossível de oferecer em uma sessão de terapia. Como exemplo disso, citou o caso de uma paciente que estava vivenciando a perda de um filho e o animal se aproximou oferecendo carinho. Segundo ela, há momentos em que não tem palavras que possam confortar alguém, mas a presença do animal possibilita isso a partir de outras vias.

O animal também desempenha a função de promover a corporeidade nos atendimentos. Além de estimular a brincadeira com o animal, possibilitando mais movimentos corporais durante a sessão, um participante mencionou a possibilidade de levar o animal para passear com o paciente. Comandos básicos podem ser adicionados, de acordo com dois participantes, assim como a promoção de bem-estar que o paciente tem ao fazer carinho no animal, de acordo com uma participante. Somado a isso, outras duas participantes falaram sobre os animais permitirem a entrada de temas mais escatológicos, como quando o animal realiza suas necessidades no ambiente, ou solta pum durante o atendimento.

Outro tema importante é o do animal como parte da dinâmica de transferência e contratransferência durante a sessão. Ao falar sobre o tema, a participante 9 relatou que o paciente ficou surpreso ao chegar no consultório e o ambiente ser higienizado. A partir de seu relato, ela identificou que essa era a imagem que ele projetava sobre o atendimento com animais, que em seguida, foi sentida como contratransferência pela participante. É possível compreender isso no trecho:

[...] É esse lugar, né? De eu também ter um lugar de defesa dos meus gatos, né? [...] não maltrate meu gato, né? Então assim, eu preciso entender, só que eu também tive que entender, além do não querer o meu gato dentro da sala,

né? [...] E foi muito interessante isso para mim, porque eu fiquei resistente. Inicialmente, a atendê-lo, não queria [...] na verdade estava com meus julgamentos e com a minha resistência, né? E aí foi muito interessante, porque depois, hoje, ele faz semanalmente, assim, assiduamente, entrando em lugares assim, em sombras, em complexos dele que eu não imaginava que ele ia adentrar [...] E aí eu tive que adentrar em mim esse processo e hoje ele faz sessão e é muito bom fazer sessão com ele. [...] Não tem mais resistência, [...] muitos vasos comunicantes, né? Ele se cura, eu vou me curando e a gente vai todo mundo fazendo o processo. (Participante 9)

Sobre essa dinâmica, outro fator interessante foi o de que quatro participantes relataram que os pacientes sonharam com o seu animal. Um deles, inclusive, relatou que o paciente sonhou com ele e o animal que o acompanhava. Ao refletir sobre esse aspecto, uma das participantes que os pacientes não sonharam com os seus animais analisou que talvez isso não tivesse acontecido porque se relaciona com os animais de forma mais impessoal.

Quatro participantes mencionaram sobre o tema do luto, sendo que uma delas havia perdido o animal que a acompanhava durante os atendimentos, tendo sido necessário elaborar o luto em conjunto com os pacientes. Duas mencionaram o envelhecimento de seu animal, de modo que a temática do luto apareceu com a preocupação de como seria elaborar isso com os seus pacientes. Por outro lado, uma das participantes falou sobre a importância desse tema surgir na terapia, usando de exemplo animais cuja vida é menor, como hamsters, peixes ou porquinhos da índia.

Em relação ao animal como objeto portador de projeções, foi nítido que esse fenômeno ocorreu dos dois lados. Todos os participantes depositavam alguma projeção em relação ao animal, assim como identificaram que seus pacientes faziam o mesmo. Esse tema será aprofundado em outras categorias, pois tem interlocuções com os aspectos que foram atribuídos a eles. Outro fato a ser considerado é a diferença entre as espécies do animal, que pode levar a projeção de características diferentes. Mesmo que não tenha sido o foco do trabalho investigar os conteúdos dessas projeções, é interessante verificar que as relações dos terapeutas com seus bichos também estão marcadas por isso.

7.2.2 Inserção do animal na clínica

Em relação à inserção dos animais na clínica, dos dez participantes, apenas quatro tiveram a intenção de incluí-los no atendimento. Dentre esses quatro participantes, a motivação de cada um para a inclusão dos animais foi divergente: curiosidade, acompanhamento do profissional para lidar com Burnout, cão-guia em socialização e facilitar a entrada de uma criança na terapia.

Dos participantes que não tiveram a intenção de incluir o animal, estes apareceram da seguinte forma: entraram pela janela ou arranharam a porta, precisaram levar o animal um dia na clínica, a pedido dos pacientes ou animais fazerem parte do ambiente da casa. Destaca-se que os animais entrarem a partir do pedido de pacientes ocorreu com três das participantes. Em relação a isso, pode-se atribuir ao fato de que essas participantes atenderam, em sua maioria, nas próprias residências. Desse modo, a presença dos animais ocorreu de forma espontânea, como por exemplo, o animal que entrou pela janela durante o atendimento.

Se os clientes já estão chegando do portão falando que querem ela aqui dentro, por que que eu não vou respeitar esse desejo deles? [...] se essas pessoas estão pedindo a inserção dela, é porque ela vai entrar em um lugar afetivo que essas pessoas estão precisando, e isso é terapêutico, isso é muito terapêutico. (Participante 2)

E assim, e essa coisa não foi nem pensada. Juro para você [...]. Não foi nem na época que eu comecei a atender. Eu nem tinha isso como, né. Foi uma coisa natural que aconteceu e ele começou a bater na porta. Eu falei para ela, eu posso abrir, senão ele não vai deixar a gente trabalhar. Foi assim que começou a história. Aí ele entrou, ficou quietinho e aí, a partir de então ele tem cadeira cativa aqui no meu consultório, né? (Participante 4)

Todos os participantes perceberam o benefício da entrada dos animais na clínica e continuaram a promover a sua presença, adaptando-se à sua presença. Nove dos dez participantes comentaram sobre a criação de um espaço para o animal dentro da sala, com bebedouros, petiscos, cama, entre outros, que oferecessem conforto e cuidado ao animal. Todos os participantes demonstraram preocupações a respeito da presença do animal e de como fazer a inclusão na terapia, que será abordado com profundidade na categoria de manejos dos profissionais.

Dez dos participantes relataram a falta de materiais sobre o tema, indicando uma necessidade urgente da produção de conhecimento sobre os animais na clínica. Mesmo assim, duas participantes mencionaram o trabalho de Nise da Silveira e três mencionaram o Freud ter atendido com seus cães. Além disso, uma participante mencionou um livro sobre Serviços Assistidos por Animais.

Três dos participantes tiveram contato com Programas de Suporte Assistido por Animais, como visitas hospitalares ou a asilos de idosos. Nenhum dos participantes mencionou o termo Psicoterapia Assistida por Animais nas entrevistas. Três profissionais buscaram orientações do Conselho Federal de Psicologia, mas não obtiveram resultados. Desse modo, todos os profissionais entrevistados atendiam com animais a partir de experiência própria e intuição, sendo que sete buscaram apoio nas suas abordagens teóricas.

Sobre a inclusão dos animais na clínica, todos os participantes avisaram aos pacientes, perguntaram se possuíam medo ou alergia e se adaptaram diante das respostas dadas. Alguns profissionais não enfrentaram resistências, enquanto outros tiveram que modificar agendas ou não levar o animal em determinado atendimento. Uma das participantes criou um livro digital a partir de Inteligência Artificial para explicar aos pacientes e pais de pacientes sobre a presença do animal nos atendimentos.

Eu fiz a historinha pensando em dar previsibilidade para as crianças, que às vezes estão esperando na recepção e não esperam que saia um cachorro da sala, né? Por mais que não tenha medo, enfim. Então eu quis sinalizar que tem um cachorro na sala para não assustar os adultos, as crianças, mas também para explicar o que esse cachorro está fazendo aqui, então é um QR Code que qualquer pessoa que vem no consultório tem acesso por ficar na porta da sala. Não só os meus pacientes. É para todos os pacientes da clínica. (Participante 7)

Ao justificar a presença do animal no setting terapêutico, os profissionais relataram perceber benefícios na interação com seus pacientes, aumento do vínculo terapêutico, relatos positivos dos pacientes e aumento da sensação de bem-estar para os terapeutas. Mesmo com a intenção de incluir os animais na clínica, os profissionais que fizeram isso sentiram as expectativas superadas em relação a presença do animal.

Três participantes relataram que não se imaginam atendendo sem animais, atribuindo isso à mudança que esse tipo de configuração fez em suas vidas e nos atendimentos. Outra participante mencionou uma fantasia de que atenderia com os animais mais velha, e que antes disso não havia imaginado a possibilidade de um atendimento com os seus bichos. Os dois trechos abaixo mostram essa dinâmica, tanto marcada pela observação de uma dissociação entre o ser humano e a natureza, quanto pela surpresa do atendimento com animais:

Então tá aqui hoje eu acho que eu continuaria sempre atendendo numa casa com alguns animais em volta porque eu acho que eles fazem parte da vida e eu acho que principalmente numa cidade como São Paulo [...] tão estéril e hostil e com uma dissociação tão grande dessa natureza, que faz com que as pessoas realmente não saibam como abordar os relacionamentos tão esquisitos. (Participante 1)

Foi muito interessante, né? É porque a gente tem um clichézão ou um lugar de uma persona, psicóloga, né? Que tem que estar tudo sob controle, né? E mostrando as coisas exatamente como tem que ser, né? E o gato, apesar de eu ser extremamente gateira, eu nunca imaginei atender com eles. Eu imaginava depois que eu tivesse velhinha. Eu tinha uma fantasia assim que quando eu tivesse velhinha, eu atenderia em casa com todos eles comigo, né? E quando aconteceu isso aqui... Eu vi que realmente aconteceu e foi muito espontâneo assim, né? A primeira impressão foi aquela coisa que me constela ali em mim. É aquela situação de gente, né? Como que vai ficar, né? A pessoa, eu, a situação, mas ele foi tão.... Ele foi tão espontâneo que eu já relaxei assim na hora, porque a pessoa já pirou, né. (Participante 9)

7.2.3 Conexões estabelecidas

A categoria conexões estabelecidas foi montada a partir das relações promovidas pelos animais na clínica, em todos os aspectos, positivos, negativos e neutros, assim como a relação entre pacientes e animais e terapeutas e animais. É notável que todos os profissionais mencionaram benefícios do atendimento com animais na clínica, enquanto alguns não conseguiram identificar aspectos negativos. Os aspectos neutros também foram pouco mencionados, sendo estes considerados como pacientes que não perceberam a presença de um animal. Uma das participantes avaliou que estes, de acordo com sua experiência, seriam pacientes mais

ensimesmados, e que da mesma forma que não notam quadros na parede, também não percebem a presença de um animal na sala.

As relações estabelecidas entre os animais dos participantes e seus pacientes foram consideradas em sua maior parte como positivas. Além de perceberem que cada paciente se relacionava de forma diferente com cada animal, também foi percebido pelas participantes que atendiam com animais de espécies diferentes algumas preferências. Por exemplo, a fala de uma participante que elucida sobre sua tartaruga e a relação que a paciente mantinha com ela:

Tem uma paciente [...] que de vez em quando ela pede pra mim mandar foto da tartaruga, foto do jabuti, do (nome do animal) porque ela tem uma angústia, ela quer saber se ele tá vivo, como é que ele tá e tal, e aí vai a foto do jabuti e tal para ela, o filme do jabuti para ela, para ela ter uma sensação de continuidade. E acho legal que seja tartaruga porque a tartaruga tem uma vitalidade enorme, não é como um porquinho da índia ou um peixe, teoricamente, uma tartaruga vai durar muito mais do que eu, ela e a nossa relação. Então ela coloca lá essa continuidade, essa durabilidade, de vez em quando ela me pergunta como vai a tartaruga, aí eu fotografo e filmo a tartaruga e mando para ela. (Participante 1)

A participante 1 também questionou como cada pessoa estabelece muitas vezes relação com animais de espécies diferentes. Nesse mesmo contexto, oito das participantes relataram que a presença do animal no atendimento normalmente suscita os pacientes a falarem sobre seus próprios animais ou lembranças de outros. Para eles, isso pode ocasionar em alguma memória, sendo assim, possível trabalhar esse conteúdo em sessão.

E assim, quando ela estava um pouquinho maior [...] eu recebi um paciente uma primeira vez, um rapaz. Estava meio reprimido, ele começou a falar e tal e começou a chorar. E foi a primeira vez que a (nome do animal) interagiu, porque assim a hora que ele começou a chorar, ela levantou da almofada, ela tinha uns 6 meses, levantou da almofadinha, foi lá, pulou em cima do sofá, [...] eu tentei tirar ela, [...] Falei assim, “não (nome do animal), não”, ele “não, deixa porque eu lembro da cachorrinha, da minha avó”. (Participante 6)

Os participantes mencionaram o animal como um regulador emocional dos pacientes, de modo que muitas vezes eles faziam o pedido da entrada do animal no atendimento. As pessoas que foram entrevistadas também relataram que os pacientes se relacionam com animais desde crianças até idosos, sendo estes mencionados com

mais ênfase por duas participantes. Duas participantes que atendem pessoas do espectro autista também indicaram proximidade entre seus pacientes e o animal.

Oito participantes relataram que a interação com o animal se iniciava antes de entrarem no consultório. Entre esses casos, ocorreu de se relacionarem com o animal imaginário quando foi comunicado a eles sobre a presença, ao chegar para o atendimento no portão ou na sala de espera e através de uma janela. Logo que o animal era inserido na sala, todos os participantes relataram que havia algum tipo de comunicação entre eles, seja através do contato físico ou falando com e sobre o animal.

[...] eu atendi um casal e ele ficou entre o casal. E o casal se unia ali no carinho com o (nome do animal), cada um de um lado, ali na barriguinha do (nome do animal), né? Ele ficou a sessão inteira ali grudado e eu senti que tudo bem e não estava atrapalhando e não estava incomodando e talvez tivesse algum sentido aquela situação. (Participante 10)

Sobre os aspectos negativos, sete participantes relataram sobre a percepção deles na relação com animais. Em uma das situações descritas, o cão latiu e mostrou os dentes para um homem que estava em terapia de casal, sendo agressivo. No caso, o animal não estava presente na sessão, mas teve essa interação com ele na saída do consultório. Outro exemplo consistiu em interações negativas com o animal de outra terapeuta, no caso, que acabou mordendo o paciente da participante. Uma das participantes relatou também que a sujeira dos bichos se tornou um aspecto negativo na relação com uma paciente.

Em outra situação relativa à sujeira, foi manifestado incômodos dos pacientes em relação ao cheiro e aos pelos do animal que estavam no consultório. Alguns relataram também sobre pacientes com alergia ao pêlo dos animais como ponto negativo, mas isso em relação à percepção dos terapeutas do que dos pacientes, uma vez que muitos insistiam no contato. De toda forma, todos os participantes que falaram sobre esses aspectos negativos também trouxeram isso como uma oportunidade de aprendizado e manejo com o paciente.

Outro exemplo de aspecto negativo foi em relação ao bem-estar do animal, mencionado apenas por uma participante. No caso, seu animal passou a acompanhá-la em todos os atendimentos e ela percebeu que ele começou a ficar sobrecarregado

emocionalmente. Preocupada com ele, passou a tirá-lo dos atendimentos até que se recuperasse e passou a permitir sua presença quando ele pedisse.

Dos participantes da pesquisa, cinco mencionaram o fato de às vezes atenderem com os animais dos pacientes. Muitas vezes esse atendimento ocorria pelo fato de o próprio paciente manifestar desejo de que seus animais participassem das sessões, até quando ocorriam presencialmente. Desses, quatro relataram que não atendiam com o seu animal quando isso acontecia, a fim de evitar possíveis conflitos entre os bichos. Sobre isso, outro aspecto negativo observado foi um mal-estar em relação ao animal do outro, conforme no trecho:

Muitas vezes, eu tive sensações tipo com um cachorro estranho que rosna pra mim, ou o pitbull, o rotweiler... “ai meu Deus do céu, eu preciso mesmo passar por isso, sabe? Qual o significado?” Sabe? Um mal-estar. Uma vontade de “tomara que acabe logo essa sessão e que isso seja simbolizado de forma que esse cachorro não precise voltar desse jeito”. Hamster também, detesto rato e quando vem eu falo “Vamo lá, mas saiba que você está lidando com um bicho que pra mim não é bem-vindo”, então tem muitas vezes um mal-estar em relação ao bicho alheio. (Participante 1)

A relação entre terapeuta e animal foi identificada como positiva em muitos aspectos, sendo que alguns participantes relataram momentos de conflito com o animal, mas em contexto pessoal e não de trabalho. Nove dos dez entrevistados relataram relações muito próximas de afeto com o animal, inclusive com algumas menções ao fato de os acompanharem o dia todo. Uma das participantes mencionou que para ela, a relação estabelecida é mais impessoal. Outros participantes identificaram o animal como um companheiro nos atendimentos e na vida, assim como reguladores emocionais para os terapeutas durante os atendimentos. Conforme mencionado em trechos anteriores, a participante 9 inclusive menciona que ter gato faz parte de quem ela é.

Sobre a existência de uma relação tríade entre paciente, terapeuta e animal, apenas duas participantes mencionaram essa ocorrência durante as entrevistas. Essa relação, segundo uma das participantes, depende da conexão não verbal estabelecida com o animal. Outra participante mencionou o animal como um terceiro elemento na relação entre o paciente e ela, como algo que é olhado pelos dois e isso constrói a relação entre ela e o paciente.

Quatro participantes mencionaram o animal como um coterapeuta na clínica, amparados pela visão de um ajudante, alguém que realizava um papel oculto e que muitas vezes fugia do alcance do terapeuta. Sobre isso, uma das participantes complementa:

[...] o trabalho em coterapia é exatamente você ter dois terapeutas em que um complementa outro e é uma equipe reflexiva, fantástico. Que são ali as pessoas pensando em cima do caso daquele cliente, e eu acho que a (nome do animal) é uma coterapeuta de peso. Ela está aí comunicando o tempo todo comigo, e estamos pensando juntas o que que aquele fenômeno tá trazendo. E às vezes eu converso com ela "ai (nome do animal) me parece que essa pessoa tá muito brava comigo por causa disso, disso e disso, o que que você acha?" e a pessoa acha isso superdivertido, então aquilo vira uma equipe reflexiva, eu vejo isso. (Participante 2)

Outro aspecto importante a ser mencionado é a dinâmica de transferência e contratransferência a partir da imagem do animal. Como mencionado anteriormente, alguns participantes identificaram resistências de pacientes com a presença do animal e uma resposta de contratransferência a isso.

7.2.4 Manejo dos profissionais

Esta categoria foi criada com o intuito de se referir aos sentimentos que os participantes tiveram com a presença do animal na clínica, como lidaram com isso e sugestões do que acham mais relevantes para o atendimento com animais na clínica. Houve mais relatos parecidos do que diferentes nessa categoria, principalmente relacionado aos sentimentos que os profissionais tiveram ao incluir o animal.

Todos os participantes da pesquisa indicaram preocupação ou medo em lidar com a presença do animal na clínica, a princípio. A palavra preocupação surgiu em sete das dez entrevistas, enquanto a palavra medo apareceu em oito. Apesar disso, foi identificado no discurso de todos os participantes esses dois sentimentos, mesmo que não nomeados. Esses sentimentos eram em sua maioria relacionados a lidar com os desafios da inserção de animais na clínica. A maioria dos participantes relatou sensação de alívio e felicidade quando conseguiram lidar com eles.

Sobre os sentimentos relatados, os participantes demonstraram preocupação com: barulho do animal; manejar a agenda; manejar paciente e animal; comportamento do animal; em como fazer a inserção; questões sanitárias e o envelhecimento do bicho. O único sentimento que seria resolvido a longo prazo seria lidar com o envelhecimento do animal. Em relação a esses sentimentos, ao relatar sobre a aproximação da morte do animal, uma das participantes falou que quando chegasse esse momento, seria necessário trabalhar o luto em conjunto com os pacientes.

O medo surgiu a partir de experiências anteriores à inserção do animal, com fantasias a respeito do que aconteceria, e relacionados ao processo de adaptação do animal na clínica. Foram eles, medo: da reação dos pacientes; da reação do animal; de atrapalhar a terapia; de misturar espaços pessoais e profissionais do participante; de não compreender o que se apresentaria com a inserção do animal; de não conseguir adaptar o animal; de não ser ética; de ser julgado por outros profissionais. Ressalta-se que o medo do julgamento de outros profissionais apareceu em seis das dez entrevistas.

Todos os participantes relataram oportunidades de aprendizado com a inserção do animal na clínica, de modo que utilizassem soluções criativas para lidar com os sentimentos relatados anteriormente. Sobre a preocupação com a inserção ou adaptação do animal na sala, foi indicado: permitir que o animal entrasse quando quisesse nos atendimentos; trocar experiências com colegas ou na supervisão; prestar atenção no comportamento do animal; estabelecer regras e limites em relação à interação com o bicho. Dessa forma, todos os profissionais não indicaram sentimentos em relação a isso posteriormente. Uma das participantes relatou como lidou com isso no trecho abaixo:

Então não tinha muitos estudos sobre isso e muitas pessoas me julgavam também [...] “Consultório é área da saúde, não pode ter bicho”. Outros profissionais que sabiam que eu tava deixando. E aí, honestamente, primeiro que eu ia perguntando pra minha supervisora, que é uma pessoa que eu confio muito. [...] Ela falou “E, Freud atendia com 4”, as pessoas precisam se atualizar, né, porque é uma questão... é um polo afetivo. É um polo afetivo. E eu comecei a ver muitos benefícios, então eu liguei o “dane-se”. [...] É a minha prática, é a minha clínica, né? Não são animais que põem em risco.
(Participante 2)

Outras soluções, encontradas individualmente, referiam-se ao modo de inserir esses animais na clínica. Na categoria anterior, uma das soluções encontradas por uma participante foi a criação de uma história para comunicar a presença do animal. Além disso, ela e outros participantes relataram conversar com os pacientes anteriormente ao atendimento, perguntando se havia alergias ou medo, de modo que pudessem adaptar a sessão. Alguns participantes relataram encaminhar para outros profissionais diante de alergia ao animal, pelo animal ter livre acesso e deixar pelos no ambiente. Outros, indicaram necessidade de adaptar a agenda para que o animal não estivesse presente no atendimento. Além disso, a maioria dos participantes ressaltou a importância com os cuidados de higiene da sala e do animal, sendo estes também vacinados. Não houve menções sobre o animal passar por rotinas específicas de cuidados veterinários.

Em relação aos cuidados com o animal, a maioria dos participantes indicou a necessidade de observar o comportamento do animal, a fim de não o estressar e evitar acidentes como mordidas ou latidos. Para isso, alguns participantes relataram a importância de compreender os limites do animal, assim como garantir pausas durante os atendimentos. Também foi relatado a adaptação de um ambiente que o animal pudesse estar, com seus brinquedos, cama, comedouros e petiscos durante as sessões.

Como parte final da entrevista, foi perguntado aos profissionais quais dicas ofereceriam a alguém que está começando a atender com animais, com o intuito de apreender o que seria de mais importante para eles em relação a essa experiência. Dentre as respostas fornecidas, observa-se que a necessidade de materiais sobre o tema foi um dos tópicos que mais apareceram. Apesar de já existirem pesquisas produzidas e orientações, pode-se compreender que esse material ainda parece ser escasso ou de difícil acesso aos profissionais. A maior parte dos conteúdos está em inglês e sem traduções oficiais para o português.

Outro aspecto indicado, foi relacionado ao conhecer o animal e seus pacientes a fim de entender se faria sentido essa interação. Seis dos participantes mencionaram a necessidade do animal ser treinado para estar na clínica, enquanto os outros não fizeram menções a isso. Também não houve consenso entre os participantes sobre o uso do animal na clínica. Enquanto alguns profissionais

indicaram a necessidade de definir a intenção do uso do animal, outros comentaram sobre a importância do inesperado e do não controlar a presença do animal na clínica.

7.2.5 Aspectos atribuídos aos animais

Esta categoria ficou responsável por aglomerar as características atribuídas aos animais, tanto dentro do atendimento quanto para os participantes e seus pacientes no geral. Quatro foram as espécies de animais que os participantes possuíam em seus consultórios, sendo eles: cães, gatos, tartaruga e papagaio. A maioria dos aspectos foram atribuídos aos cães e gatos, enquanto a tartaruga teve apenas uma menção de uma participante sobre seu significado para paciente e as características do papagaio não chegaram a ser mencionadas pelos pacientes. As respostas entre participantes e seus pacientes não divergiram em relação aos aspectos, no entanto, nota-se que as participantes davam características mais íntimas aos seus animais. Todos os participantes comentaram as histórias com seus animais de estimação, seus nomes e alguns trouxeram relações do animal com seus familiares.

Em relação aos cães, as palavras mais relacionadas aos animais foram: acolhimento, afetividade, proteção, alegria, calmo, instintivo, parceiro ou companheiro, bondosos. Observa-se que muitas vezes, sentimentos e adjetivos se misturavam, assim como a definição da personalidade do animal e possíveis projeções destinadas a ele. Nesse sentido, além das características atribuídas a eles se relacionarem com os símbolos atribuídos aos animais, percebe-se a mistura de características humanas empregadas a eles.

[...] muito amorosos. Muito agitadinhos, eu acho que eles são bem alegres e a todo momento eles estão ali porque [...] da mesma forma que eles me ajudam, eu ajudo eles. Então eu acho que são essas características, mas a principal, acho que são muito amorosos. As três cachorras, tá? É, eu acho que as que ficam aqui comigo são mais e têm a papagaia que tem esses traços border e bipolar. (Participante 3)

No trecho acima, percebe-se que essas características se modificam dependendo da espécie do animal, assim como de seus temperamentos. O objetivo do trabalho não foi analisar profundamente os conteúdos dessa atribuição de

características humanas aos animais. No entanto, pode-se verificar que são, provavelmente, projeções da participante em relação ao seu animal de estimação.

Em relação ao gato, as duas participantes atuaram de formas diferentes, ou seja, uma atendia com três gatos e outra com um gato e um cachorro, alguns aspectos divergiram. No caso da participante que atendeu com um gato e um cachorro, os pacientes interagem pouco com este animal, sendo ele mais próximo da terapeuta. A outra participante fez diferenciações entre seus animais, sendo que um deles estava presente em quase todos os atendimentos, o segundo entrava em momentos aleatórios e o terceiro gostava de entrar na sala para dormir.

Sobre esses animais, a participante relatou que cada um deles possuía uma personalidade própria, sendo que o animal que mais a acompanhava era mais próximo a ela. O segundo animal, no entanto, entrava pela janela do consultório e assustava os pacientes, que acreditavam que o animal estava querendo dizer algo a eles. Essa participante relatou que as características atribuídas aos gatos são de aspectos místicos, como a bruxaria ou saber de coisas ocultas e o gato como um curandeiro. Esses dois animais eram gatos pretos. Além disso, os pacientes acabavam atribuindo essas características a ela, se referindo à participante como bruxa. O seguinte trecho exemplifica isso:

Ele assusta até as pessoas, porque ele entra do nada que é o (nome do animal). Ele é o mais assim, ele é bruxinho mesmo, né? Então ele entra do nada, ele sobe no paciente, fica um pouco no colo do paciente e vai embora. Ele faz umas aparições pontuais e sincrônicas, então ele já apareceu em pacientes que estavam muito doentes fisicamente, em pacientes que estavam com problema gestacional. Então, normalmente, pessoas com algum problema que está até às vezes em catarse dentro do consultório ou segurando alguma coisa, ele pula no colo sem pedir licença e as pessoas já sabem que ele é assim. O magrinho veio, eles falam, porque tem um gordinho que é o que fica sempre, e o magrinho, dois pretos tá? (Participante 9)

Em relação aos sonhos com animais, quatro participantes relataram que seus pacientes já sonharam com seus bichos de estimação. Sobre o conteúdo do sonho, três desses participantes indicaram que o terapeuta também estava ali com eles durante o sonho, acompanhado pelo animal. O conteúdo desses sonhos deve ser avaliado com cautela, pois referem-se às análises feitas pelos participantes de seus pacientes. Sobre isso, o trecho a seguir é um exemplo:

Entre essas perguntas de cuidado em uma das sessões, ele fala que tinha sonhado com a (nome do animal), né? Ele tinha vindo para a sessão, mas que a cachorra era dele, não era minha, né? Eu falei “fala dessa cachorra que era sua, né? Como é que foi? E esse sonho, né?” Ele falou que ele tinha chegado com ela. Ele entrou na sala, é, ficava com ela. Como ele estava naquele momento. Só que quando ele ia embora, ele ia embora com ela, então ele tinha entendido que a cachorra dele, né? Claro. “Eu sonhei que ela era cachorra minha”, e aí eu fui questionando [...] e como é que foi, né? Está com ela, como é que era essa sensação de ter ela [...] Uma cachorrinha carinhosa, cuidada, bem cuidada. Parece que está pronta, né? [...] E o sonho dele não, não continuava, tipo, ah, e como é que tem que passear? Tipo, briguei com a minha esposa porque eu não fui passear, não teve nenhum outro cenário de dificuldade, era tudo muito bom, então ficou mais ou menos por ali, né? Mobilizou alguma coisa do cuidar, né? Do dar trabalho ali, esse paciente. (Participante 5)

8 DISCUSSÃO

A inclusão de animais na clínica, mesmo que não nomeada como Psicoterapia Assistida por Animais (PAA), ocorre de forma espontânea entre os participantes da pesquisa. Tal fato também foi observado por Kuhnen, Guimarães e Catta-Preta (2023). Embora alguns profissionais tivessem a intenção de incluir seus animais no atendimento, eles foram desenvolvendo habilidades através de tentativa e erro, sem uma sistematização de atuação.

A análise descritiva evidenciou uma predominância de cães, seguida por gatos em Serviços Assistidos por Animais, o que corresponde ao que foi exposto por Fine (2015) em relação ao animal utilizado nos SAA. Junto a isso, os dados evidenciaram que (a) quando o animal permanecia livre pela sala durante os atendimentos, havia maior probabilidade de a relação estabelecida ser afetiva ($p = 0,027$) e (b) a presença do animal próximo ao terapeuta também se associou a uma relação afetiva ($p = 0,018$). Isso pode ser interpretado pelo fato de que o animal em movimento permite maior interação, e, portanto, a probabilidade maior de criar um vínculo. Wanser, MacDonald e Udell (2020) discutiram sobre isso em seu artigo sobre a sincronização do comportamento de cães com crianças. Além disso, não foi encontrado significância entre (a) solidão do terapeuta e a presença do animal próximo ao terapeuta ($p = 0,091$) (b) solidão do terapeuta e interação física ou verbal com o animal ($p = 0,053$), (b) solidão do terapeuta e aliança paciente-animal ($p = 0,091$) e (c) intencionalidade e comportamento do animal durante as sessões ($p = 0,091$). Estes dados podem não ter alcançado significância devido à amostra reduzida, indicando a necessidade de estudos com maior poder amostral para aprofundar a compreensão dessas possíveis relações.

Em relação aos papéis dos animais na clínica, os participantes indicaram um número extenso de possibilidades. Dentre elas: a) animal como parte do discurso; b) animal como gerador de mudanças no ambiente; c) animais como pontes para o vínculo; d) animais como pontes para a natureza e outros humanos; e) suporte emocional do terapeuta; f) catalisador de emoções do paciente; g) corporeidade; h) dinâmicas de transferência e contratransferência; i) possibilidade de trabalhar o luto; j) animal como objeto para projeções. Essas informações correspondem com a

literatura, sendo todas descritas por Parish-Plass (2013) em sua coletânea sobre o tema, assim como em Silveira (2019), Fine (2015) e Levinson (1997).

Muitos participantes relataram a falta de materiais sobre a inclusão de animais no consultório clínico, algo que ainda está se desenvolvendo através de pesquisas. A partir das informações coletadas, a maioria dos profissionais não indicou conhecimento específico sobre comportamento dos animais, que dependendo da espécie pode demonstrar formas de comunicação diferentes, como exposto por Savali e Albuquerque (2017). Além disso, como Fine (2015) e Keiserman (2018) elucidam, alguns cuidados precisam ser garantidos para o bem-estar do animal. Sobre isso, percebe-se que existe uma lacuna significativa entre a prática clínica e a formação desses profissionais sobre o tema. Também foram relatadas dificuldades no manejo clínico, que surgiu a partir da experiência dos participantes. Provavelmente um grande impeditivo para o acesso desses profissionais pode ser relacionado a uma falta de clareza entre as nomenclaturas estabelecidas, a maioria das pesquisas e trabalhos serem realizadas e publicadas apenas no inglês e o medo pelo julgamento de outros profissionais. Essa última informação foi considerada significativa, pois na maioria das entrevistas foi mencionada.

A partir da perspectiva junguiana compreende-se o animal na clínica enquanto um símbolo vivo, carregado de aspectos diferentes para cada pessoa. Dessa forma, além de mediador de vínculos (Parish-Plass, 2013) e objeto transicional (Levinson, 1997; Parish-Plass, 2013), ao animal também pode ser atribuída a função de manifestação simbólica significativa e importante dentro do processo terapêutico. Com base nas entrevistas e nos papéis que os profissionais identificaram a respeito do animal, pode-se atribuir a ele também a função de constelar imagens arquetípicas ligadas ao curador ferido, ao psicopompo e à função transcendente, responsável por conectar os campos conscientes e inconscientes da psique (Jung, 1957/1998).

Outro aspecto importante é referente à dupla projeção, que ocorre tanto em relação aos conteúdos simbólicos e afetivos, direcionados ao animal, quanto também na relação de vínculo estabelecida entre terapeuta e paciente, nomeada como transferência. No primeiro caso, tanto os pacientes quanto os terapeutas projetaram conteúdos relativos aos animais. No segundo, percebe-se que à imagem do terapeuta, por vezes, foi influenciada com a presença do animal, como descrito por Schneider e Harley (2006). Nas entrevistas, os exemplos identificados foram a partir da formação

do vínculo mais acelerado, à imagem de curandeiro atribuída ao terapeuta, à percepção dos terapeutas de que os pacientes continuaram o tratamento pela presença do animal.

Apesar dos resultados apresentados na revisão bibliográfica, que indicam os benefícios dos animais com diversas populações, foram identificados medos e preocupações nos discursos dos participantes. Esses sentimentos parecem estar ligados à insegurança de como incluir os animais e apontam para a necessidade de diretrizes e normas adaptadas à população brasileira. Tais inseguranças também demonstram que ainda existem barreiras para o reconhecimento formal da prática com animais, fato que foi apontado sobretudo em relação ao medo do julgamento de outros profissionais ou de não estar sendo eticamente profissional.

Destaca-se, por fim, que o caráter espontâneo dessa prática não deve ser interpretado como ausência de conhecimento, mas sim como um convite para o diálogo entre os profissionais. O intuito desta pesquisa foi justamente o de investigar a inclusão desses animais na clínica, a fim de propor uma ponte entre a prática, realizada pelos profissionais, e a teoria, a partir da literatura científica. Ao reconhecer o valor simbólico da relação com os animais, a psicologia analítica tem o potencial de contribuir para uma construção teórica a respeito desse tema.

8.1 Limitações

De forma geral, embora algumas associações tenham se mostrado estatisticamente significativas, é fundamental interpretar esses achados com cautela. Este estudo apresenta limitações importantes que devem ser consideradas na análise e generalização dos resultados. Primeiramente, o tamanho amostral reduzido ($n = 36$ na etapa quantitativa e $n = 10$ na qualitativa) compromete o poder estatístico das análises, aumentando a margem de erro e a chance de obter associações espúrias — isto é, associações que ocorrem ao acaso e não refletem necessariamente uma relação causal. Há necessidade de estudos com maior número de participantes para aprofundar a compreensão dessas possíveis relações

Além disso, a elevada taxa de não resposta em algumas variáveis, por exemplo, gênero, tempo de formação e abordagem teórica, pode introduzir viés de

informação e comprometer a validade externa dos achados. Outro ponto a ser destacado é a natureza transversal do estudo, que impede a identificação de relações de causa e efeito entre as variáveis analisadas. Também se observa uma possível auto seleção da amostra, uma vez que a participação foi voluntária e direcionada a psicólogos que já utilizam ou utilizaram animais em suas práticas, o que pode influenciar positivamente a percepção relatada e gerar viés de confirmação.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo a investigação da presença do animal vinculado ao terapeuta no processo psicoterápico, conduzido em duas etapas: quantitativa e qualitativa. Os dados obtidos durante a etapa quantitativa sugerem que a presença do animal junto está associada ao estabelecimento de uma relação afetiva. Por outro lado, não foram encontradas associações entre a presença do animal ou da interação e aliança entre terapeuta e animal com intencionalidade ou solidão do terapeuta.

Em relação à etapa quantitativa, foi possível chegar a cinco categorias referentes à presença de animais na clínica, sendo elas: o papel dos animais nos atendimentos; inserção do animal na clínica; conexões estabelecidas; manejo dos profissionais; aspectos atribuídos aos animais. Dessa forma, foi possível apreender a partir das experiências desses participantes possibilidades e desafios na inclusão de animais na clínica. Dentre elas, destaca-se a escassez de conteúdos sobre o tema e a possibilidade dos animais atuarem na solidão dos profissionais durante os atendimentos.

Embora grande parte dos conteúdos encontrados coincidam com a literatura científica, é perceptível que os manejos foram adquiridos de forma intuitiva e empírica, e não por uma formação no tema. Digno de nota, todos indicaram a falta de materiais existentes sobre o tema. Dessa forma, compreende-se que existe um importante vácuo sobre orientações e diretrizes sobre a presença de animais na clínica, fato que parece gerar insegurança e medo nos profissionais.

Outro fato importante foi a maioria dos participantes ter mencionado sobre a presença dos animais como algo que contribui para a solidão sentida na clínica. Além disso, destaca-se que cada participante possui uma relação única com seus animais, de forma que conteúdos de projeção destinados a eles não foram analisados no trabalho por falta de informações referentes aos próprios participantes. Índícios de projeções de caráter afetivo foram atribuídos aos animais a partir dos relatos dos participantes, especialmente pela humanização do comportamento dos bichos.

Por fim, a análise qualitativa contou com um número reduzido de participantes, limitando a profundidade da interpretação dos discursos. Diante dessas

limitações, recomenda-se que estudos futuros sejam conduzidos com amostras maiores, métodos de coleta e análise mais robustos, além de delineamentos longitudinais ou experimentais que permitam inferências mais sólidas sobre a presença de animais em contextos terapêuticos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Nathália Saraiva DE; COSTA, Dalton Breno; REIS RODRIGUES, Gabriel DOS; SESSEGOLO, Natália Silva; MORET-TATAY, Carmen; IRIGARAY, Tatiana Quarti. Adaptation and psychometric properties of Lexington Attachment to Pets Scale: Brazilian version (LAPS-B). **Journal of veterinary behavior: clinical applications and research: official journal of: Australian Veterinary Behaviour Interest Group, International Working Dog Breeding Association**, v. 61, p. 50–56, mar. 2023. ISSN 1558-7878. DOI 10.1016/j.jveb.2022.12.005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jveb.2022.12.005>.

ATLAS. TI SCIENTIFIC SOFTWARE DEVELOPMENT GMBH. **ATLAS.ti**. Versão 0.19.1.0. 2024. Programa de computador.

BACHMANN, Helen I. **O animal como símbolo nos sonhos, mitos e contos de fadas**. Petrópolis: Vozes, 2016.

BALIEIRO, Cristina; KÜNSCH, Dimas A.; MENEZES, J. E. O.; LOBATO, M.; MARTINEZ, Monica. A imagem arquetípica do psicopompo nas representações de Exu, Ganesha, Hermes e Toth. In: **Revista de Estudos Universitários**, v. 41, n. 2, 295–311, Sorocaba, 2015.

BINDER, Amy Johnson et al. Recommendations for uniform terminology in animal-assisted services (AAS). **Human-animal interactions**, v. 12, n.1, p. 1-10, 2024. ISSN 2957-9538. DOI 10.1079/hai.2024.0003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1079/hai.2024.0003>. Acesso em: 22 maio 2024.

BRANDÃO, J. **Mitologia grega, volume II**. Petrópolis: Vozes, 1987. 360 p. ISBN 9788532600721.

BRASIL. Lei nº 15.046, de 17 de dezembro de 2024. Autoriza a criação do Cadastro Nacional de Animais Domésticos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 17 dez. 2024.

CHARMAZ, Kathy. **Constructing grounded theory**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2014.

CHIRICO, Francesco et al. Animal-assisted interventions and post-traumatic stress disorder of military workers and veterans: A systematic review. **Journal of Health and Social Sciences**, v. 7, p. 152-180, 2022. DOI: 10.19204/2022/NMLS4. Acesso em: 22 maio 2024.

CRESWELL, John. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

COLLIER, Timothy; BENNETT, Pauleen; ROHLF, Vanessa; HOWELL, Tiffani. The effect of dog presence on the therapeutic alliance: A systematic review. **Veterinary sciences**, v. 9, n. 12, p. 669, 2022. DOI: 10.3390/vetsci9120669. Acesso em: 22 maio 2024.

FALLAHI, Mohammad; MASOUDI, Ali Akbar; VAEZ TORSHIZI, Rasoul; MAGHSOUDI, Ali. Socio-economic evaluation of human-dog coexistence: A 40,000 years history. **Veterinary medicine and science**, v. 10, 2024. DOI: 10.1002/vms3.70012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1002/vms3.70012>.

FENNIG, Molly W.; WEBER, Elise; SANTOS, Bolade; FITZSIMMONS-CRAFT, Ellen E.; WILFLEY, Denise E. Animal-assisted therapy in eating disorder treatment: A systematic review. **Eating behaviors**, v. 47, 2022, p. 101673. ISSN 1471-0153. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2022.101673>. Acesso em: 22 maio 2024.

FINE, Aubrey H. (Org.). **Handbook on animal-assisted therapy: Foundations and guidelines for animal-assisted interventions**. 4. ed. Amsterdam: Elsevier/Academic Press, 2015.

FINKA, Lauren R. Conspecific and human sociality in the domestic cat: Consideration of proximate mechanisms, human selection and implications for cat welfare. **Animals: an open access journal from MDPI**, v. 12, n. 3, p. 298, 2022.

GROESBECK, C. J. The archetypal image of the wounded healer. **The journal of analytical psychology**, v. 20, n. 2, 122-145, Londres, 1975.

HANNAH, B. **Jung: vida e obra: Uma memória biográfica** por Barbara Hannah. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAWKINS, Emma L.; HAWKINS, Roxanne D.; DENNIS, Martin; WILLIAMS, Joanne M.; LAWRIE, Stephen M. Animal-assisted therapy for schizophrenia and related disorders: A systematic review. **Journal of psychiatric research**, v. 115, p. 51-60, 2019. ISSN 0022-3956. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2019.05.013>. Acesso em: 22 maio 2024.

HEDIGER, Karin et al. Effectiveness of animal-assisted interventions for children and adults with post-traumatic stress disorder symptoms: a systematic review and meta-analysis. **European Journal of Psychotraumatology**, v. 12, n. 1, 2021. DOI: 10.1080/20008198.2021.1879713. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/20008198.2021.1879713>. Acesso em: 22 maio 2024.

HILL, Kristine. Cat–human intersubjectivity and joint meaning-making within multispecies families and communities. **Humanimalia**, v. 15, n. 1, p. 45–74, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.52537/humanimalia.18145>.

HOAGWOOD, Kimberly Eaton; ACRI, Mary; MORRISSEY, Meghan; PETH-PIERCE, Robin. Animal-assisted therapies for youth with or at risk for mental health problems: A systematic review. **Applied Developmental Science**, v. 21, n. 1, p. 1–13, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10888691.2015.1134267>. Acesso em: 22 maio 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde**: 2019: informações sobre domicílios, acesso e utilização dos serviços de saúde: Brasil, grandes regiões e unidades da federação. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

JASP TEAM. **JASP**. Versão 0.19.1.0. 2024. Programa de computador.

JONES, Melanie G.; RICE, Simon M.; COTTON, Susan M. Incorporating animal-assisted therapy in mental health treatments for adolescents: A systematic review of canine assisted psychotherapy. **PLOS ONE**, v. 14, n. 1, p. e0210761, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0210761>. Acesso em: 22 maio 2024.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. [1947]. Petrópolis: Vozes, 2000. (Obras completas de Carl Gustav Jung). v. 8/2.

- JUNG, C. G. **A vida simbólica**. [1957]. Petrópolis: Vozes, 1998. (Obras completas de Carl Gustav Jung). v. 8/1.
- JUNG, C. G. **Seminários sobre Psicologia Analítica**. [1925]. Petrópolis: Vozes, 2014.
- JUNG, C. G. **Seminário sobre os sonhos**: Notas do seminário dado em 1928-1930 por C.G. Jung. Petrópolis: Vozes, 2018.
- JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. [1916]. Petrópolis: Vozes, 2014. (Obras completas de Carl Gustav Jung). v. 7/1
- JUNG, C. G. **Estudos experimentais**. [1904–1908]. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obras completas de Carl Gustav Jung). v. 2
- JUNG, C. G. **A prática da Psicoterapia**. [1954] Petrópolis: Vozes, 1998. (Obras completas de Carl Gustav Jung). v. 16/1
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. [1964]. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.
- KEISERMAN, B. B. **Projeto Cão Pipoca**: os impactos da presença de cães terapeutas em sala de espera da perspectiva de funcionários, estagiários e professores supervisores em uma Clínica Escola. São Paulo, 2018. (Tese de doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- KUHNEN, H.; GUIMARÃES, P.; CATTAPRETA, M. V. Contribuições de animais na clínica: um estudo em psicologia analítica. In: **Junguiana**, v. 41, p. 67-90, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.70435/junguiana.v41i3.57>.
- LARSON, Greger et al. Rethinking dog domestication by integrating genetics, archeology, and biogeography. Rethinking dog domestication by integrating genetics, archeology, and biogeography. In: **PNAS (Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America)**, v. 109, n. 23, p. 8878–8883, Washington, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1073/pnas.1203005109>.
- LEVINSON, Boris. **Pet-Oriented Child Psychotherapy**. 2 ed. Charles C Thomas Publisher: Springfield, 1997.
- LISPECTOR, Clarice. **Crônicas para jovens**: de bichos e pessoas. Rocco: Rio de Janeiro, 2012.

MARITI, C.; FALASCHI, C.; ZILOCCHI, M.; FATJÓ, J.; SIGHIERI, C.; OGI, A.; GAZZANO, A. Analysis of the intraspecific visual communication in the domestic dog (*Canis familiaris*): a pilot study on the case of calming signals. **Journal of Veterinary Behaviour**, v. 21, 1-23, [s.l.], 2017.

MIRANDA, M. I. **A importância do vínculo para os donos de cães e gatos nas famílias portuguesas**. Porto, 2011. (Dissertação de Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade do Porto.

NILSON, S. M.; GANDOLFI, B.; GRAHN, R. A.; KURUSHIMA, J. D.; LIPINSKI, M. J.; RANDI, E.; WALY, N. E.; DRISCOLL, C.; MURUA ESCOBAR, H.; SCHUSTER, R. K.; MARUYAMA, S.; LABARTHE, N.; CHOMEL, B. B.; GHOSH, S. K.; OZPINAR, H.; RAH, H.-C.; MILLÁN, J.; MENDES-DE-ALMEIDA, F.; LEVY, J. K.; HEITZ, E.; SCHERK, M. A.; ALVES, P. C.; DECKER, J. E.; LYONS, L. A. Genetics of randomly bred cats support the cradle of cat domestication being in the Near East. **Heredity**, v. 129, p. 346–357, 2022.

OLIVEIRA, S. **Sobre Homens e Cães**: Um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção. Rio de Janeiro, 2006. (Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OSTRANDER, E. A.; WANG, G.-D.; LARSON, G.; VONHOLDT, B. M.; DAVIS, B. W.; JAGANNATHAN, V.; HITTE, C.; WAYNE, R. K.; ZHANG, Y.-P. Dog10K: An international sequencing effort to advance studies of canine domestication, phenotypes and health. **National Science Review**, v. 6, n. 4, p. 810–824, 2019.

OTTONI, C.; VAN NEER, W.; DE CUPERE, B.; DALIGAULT, J.; GUIMARAES, S.; PETERS, J.; SPASSOV, N.; STAMATOVA, A.; GARDEISEN, A.; DEBUE, K.; HUGHES, S.; HUTTERER, R.; MONCHOT, H.; BALASESCU, A.; GILLET, B.; VAN DEN BROECK, M.; WOUTERS, W.; KARIMULU, M.; BOIVIN, N.; CROWTHER, A.; DORE, A.; THOMAS, M. G.; GEIGL, E.M.; GRANGE, T. The palaeogenetics of cat dispersal in the ancient world. **Nature Ecology & Evolution**, v. 1, p. 1-7, 2017.

PARISH-PLASS, Nancy. **Animal Assisted Psychotherapy**: Theory, Issues and Practice. Purdue University Press: West Lafayette, 2013.

PARISH-PLASS, Nancy. Animal-Assisted Psychotherapy for Developmental Trauma Through the Lens of Interpersonal Neurobiology of Trauma: Creating Connection With Self and Others. **Journal of Psychotherapy Integration**, v. 31, n. 3, p. 302-325, 2020.

PARISH-PLASS, Nancy. **Correspondência pessoal**. [comunicação por vídeochamada], 2024.

PENDLETON, A. L.; SHEN, F.; TARAVELLA, A. M.; EMERY, S.; VEERAMAH, K. R.; BOYKO, A. R.; KIDD, J. M. Comparison of village dog and wolf genomes highlights the role of the neural crest in dog domestication. **BMC Biology**, v. 16, n. 1, p. 1–21, 2018.

PENNA, E. A Imagem arquetípica do curador-ferido no encontro analítico, In: **Werres, J.** (org.) Ensaio sobre a clínica Junguiana. Imprensa Livre, Porto Alegre 2005.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Serviços de Acolhimento Institucional**. Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/menu/index.php?p=17317. Acesso em: 21 out. 2024.

RAMOS, Denise; BIASE, Maria do Carmo; BALTHAZAR, Maria Helena; RODRIGUES, Maria Luiza; SAUAIA, Neusa Maria; SAYEGH, Roseli; MALTA, Stella Maria. **Os animais e a psique – volume 1**: baleia, carneiro, cavalo, elefante, lobo, onça, urso. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

RAMOS, Denise; BIASE, Maria do Carmo; BALTHAZAR, Maria Helena; RODRIGUES, Maria Luiza; SAUAIA, Neusa Maria; SAYEGH, Roseli; MALTA, Stella Maria. **Os animais e a psique – volume 2**: asno, camelo, gato, golfinho, morcego, raposa, rato. São Paulo: Summus Editorial, 2017.

REIDER, L. B., KIM, E., MAHAFFEY, E.; LOBUE, V. The impact of household pets on children’s daily lives: Differences in parent–child conversations and implications for children’s emotional development. **Developmental Psychology**, v. 59, n.11, 2148–2161, 2023.

RENARD, D. Phèdre, cothérapeute à longues oreilles. In: **Cahiers jungiens de psychanalyse**, v.2, n. 152, 31-45, Paris, 2020.

ROSSIGNOLI, I. V.; SOUZA, D. G. V. V. **Adoção de animais aumentou 400% na pandemia – isolamento foi estímulo para que cães e gatos fossem companhias em tempos pandêmicos**. Disponível em: <<http://agemt.pucsp.br/noticias/adocao-de-animais-aumentou-400-na-pandemia#:~:text=A%20Uni%C3%A3o%20Internacional%20Protetora%20dos,o%20per%C3%ADodo%20pand%C3%AAmico%2C%20sendo%2023>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

RUGAAS, Turid. **On talking terms with dogs: calming signals**. Wenatchee: Dogwise Publishing, 2005.

SAVALI, C.; ALBUQUERQUE, N. (org.) **Cognição e Comportamento de Cães: a Ciência do nosso melhor amigo**. Edicon: São Paulo, 2017.

SCHNEIDER, M.; HARLEY, L. How dogs influence the evaluation of psychotherapists, In: **Anthrozoös**, 19:2, 128-142, 2006.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

SILVEIRA, N. **Gatos, a emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Leo Cristiano Editorial, 1998.

VILÁ, C.; SAVOLAINEN, P.; MALDONADO, J.; AMORIM, I.; RICE, J.; HONEYCUTT, R.; CRANDALL, K.; LUNDENBERG, J.; WAYNE, R. Multiple and Ancient Origins of the Domestic Dog. In: **Science**, v. 276, 1687-1689, Nova York, 1997.

VILLARREAL-ZEGARRA, David; YLLESCAS-PANTA, Teodoro; MALAQUIAS-OBREGON, Sofía; DÁMASO-ROMÁN, Andrea; MAYO-PUCHOC, Nikol. Effectiveness of animal-assisted therapy and pet-robot interventions in reducing depressive symptoms among older adults: A systematic review and meta-analysis. **Complementary Therapies in Medicine**, v. 80, p. 103023, 2024. ISSN 0965-2299. DOI: 10.1016/j.ctim.2024.103023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ctim.2024.103023>. Acesso em: 22 maio 2024.

VITTE, Pauline; BRAGG, Kevin; GRAHAM, David; DAVIDSON, John; BRATTEN, Truls; ANGUS-LEPPAN, Gavin. The role of canines in the treatment of posttraumatic stress disorder: A systematic review. **Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy**, v. 13, n. 8, p. 899–906, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/tra0001074>.

VON FRANZ, M. L. **A interpretação dos contos de fada**. Petrópolis: Vozes, 2020.

VON FRANZ, M. L. **O gato** – um conto da redenção feminina. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

WAGNER, Cora; GROB, Carmina; HEDIGER, Karin. Specific and non-specific factors of animal-assisted interventions considered in research: a systematic review. **Frontiers in Psychology**, v. 13, 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2022.931347>. DOI: 10.3389/fpsyg.2022.931347. Acesso em: 22 maio 2024.

WAHBA, L. L. **Entre o Universal e o particular**: a subjetivação simbólica no método junguiano. In: KUBLIKOWSKI, I.; KAHHALE, E. M. S. P. e TOSTA, R. M. (orgs) – Pesquisas em Psicologia Clínica: Contexto e Desafios. São Paulo: Educ, 81-110, 2019.

WANSER, S.; MACDONALD, M.; UDELL, M. Dog-human behavioral synchronization: family dogs synchronize their behavior with child family members. **Animal Cognition**, v. 24, p. 747-752, 2021.

WILLIAMS, Ruth. **Correspondência pessoal**. [comunicação por e-mail], 2024.

WOLOY, Eleanora. **The Symbol of the Dog in the Human Psyche**: a Study of the Human-Dog Bond. Chiron Publications: Wilmette, 1990.

WOODWARD, L.; MILLIKEN, J.; HUMY, S. Give a Dog a Bad Name and Hang Him: Evaluating Big, Black Dog Syndrome. **Society & Animals**, v. 20, p. 236-253, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Obrigatório para pesquisas científicas em seres humanos – Resolução nº 466/2012,
complementada pela 510/2016 – CNS)

Dados de identificação do participante da pesquisa

Nome: _____

Dados sobre a pesquisa

Título da pesquisa: A presença de animais no processo analítico

Pesquisadora responsável: Heloísa Kuhnen Ferreira de Carvalho, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, inscrita no Conselho Regional de Psicologia sob o número 06/189259

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Gimenez Ramos

Proposta de pesquisa e Procedimentos:

Você está sendo convidado (a) a participar deste projeto de pesquisa com a finalidade de responder sobre a sua atuação profissional com animais. A pesquisa possui o objetivo de investigar a presença de um animal vinculado ao terapeuta no processo psicoterápico. Esperamos que essas informações colaborem para a compreensão de como os psicólogos/as atuam nessas condições.

Sua participação será através de uma entrevista individual, a qual seguirá um roteiro. Durante a sua participação, a pesquisadora irá realizar a gravação do encontro presencial ou online, a partir do celular ou notebook, sendo que suas informações serão mantidas em sigilo e utilizadas apenas para fins acadêmicos.

Sigilo e privacidade

As informações coletadas pela entrevista serão mantidas em sigilo a fim de preservar a identidade dos participantes. Os dados serão armazenados no computador privado da pesquisadora, durante o período de cinco anos após a entrevista, e eles poderão ser utilizados para fins acadêmico-científicos, desde que o sigilo seja preservado. Após esse período, os dados serão excluídos. Caso as gravações ocorram pelo Microsoft Teams, a pesquisadora realizará o download dos dados coletados para seu computador pessoal, apagando todo o registro da plataforma.

Riscos e Benefícios

A participação possui riscos mínimos, podendo ocorrer mobilização diante dos conteúdos das respostas ou perguntas, como por exemplo, emocionar-se diante da lembrança de seu animal de estimação ou de caso clínico que atendeu. Se houver desconforto do participante, a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento e caso haja necessidade, a pesquisadora poderá realizar os encaminhamentos necessários, sendo eles: acolhimento e indicação para acompanhamento psicológico. Em relação aos benefícios, sua participação é voluntária e auxiliará na compreensão de informações importantes para o conhecimento de como a atuação com animais na clínica pode ser realizada.

Despesas e compensações

Não há despesas e compensações financeiras para a participação deste estudo.

Demais informações

Caso possua dúvidas sobre a pesquisa, o e-mail para contato com a pesquisadora responsável é heloisakuhnenmestrado@gmail.com.

Este modelo de TCLE foi baseado nas exigências descritas na Resolução CNS 466/12 e complementado pela Resolução CNS 510/16. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo é o órgão responsável por revisar, fiscalizar e verificar que a presente pesquisa segue os procedimentos éticos necessários. O CEP encontra-se a disposição para outros esclarecimentos éticos através do e-mail cometica@pucsp.br ou pelo telefone (11) 3670-8466, localizado na rua Ministro Godói, 969, sala 63-c.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre sob o número 84632424.3.0000.5482.

Este termo está elaborado em duas vias, rubricadas e assinadas pelo (a) participante da pesquisa e pela pesquisadora responsável. Uma das vias será entregue ao participante.

A partir disso, entendo que não sou obrigado/a/e a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado. Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. As informações coletadas poderão ser utilizadas em ambientes científicos, desde que o sigilo seja garantido. Estou ciente de que não haverá compensação financeira para a participação desse estudo, e que não haverá despesas pessoais para mim.

Acredito ter sido suficientemente informada(o) a respeito da pesquisa: “A presença de animais no processo analítico”. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, as garantias de sigilo e de esclarecimentos permanentes, e a isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Assinatura do(a) participante

Heloísa Kuhnen Ferreira de Carvalho
(CRP 06/189259)
Psicóloga pesquisadora responsável

São Paulo, ____ de _____ de 202__

APÊNDICE B – Questionário

Primeira Página – TCLE

Questionário - A presença de animais na clínica

Você está sendo convidado (a) a participar deste projeto de pesquisa com a finalidade de responder sobre a sua atuação profissional com animais. A pesquisa possui o objetivo de investigar a presença de um animal vinculado ao terapeuta no processo psicoterápico. Esperamos que essas informações colaborem para a compreensão de como os psicólogos/as atuam nessas condições.

Sua participação será através do preenchimento do presente questionário. O tempo de resposta médio para o preenchimento das perguntas é de 5 minutos.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC-SP

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

(Obrigatório para pesquisas científicas em seres humanos - Resolução nº466/2012, complementada pela 510/2016 - CNS)

Dados sobre a pesquisa:

Título da pesquisa: A presença de animais na clínica: um estudo em Psicologia Analítica (título provisório).

Pesquisadora responsável: Heloísa Kuhnen Ferreira de Carvalho, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, inscrita no Conselho Regional de Psicologia sob o número 06/189259.

Orientadora: Profª. Drª. Denise Gimenez Ramos.

Sigilo e privacidade

As informações coletadas serão mantidas em sigilo a fim de preservar a identidade dos participantes. Os dados serão armazenados no computador privado da pesquisadora, durante o período de cinco anos após a entrevista, e eles poderão ser utilizados para fins acadêmico-científicos, desde que o sigilo seja preservado. Após esse período, os dados serão excluídos.

Riscos e Benefícios

A participação possui riscos mínimos, podendo ocorrer mobilização diante dos conteúdos das respostas ou perguntas, como por exemplo, emocionar-se diante da lembrança de seu animal de estimação ou de caso clínico que atendeu. Se houver desconforto do participante, o preenchimento do formulário poderá ser interrompido a qualquer momento. Em relação aos benefícios, sua participação é voluntária e auxiliará na compreensão de informações importantes para o conhecimento de como a atuação com animais na clínica pode ser realizada.

Despesas e compensações

Não há despesas e compensações financeiras para a participação deste estudo.

Demais informações

Caso possua dúvidas sobre a pesquisa, o e-mail para contato com a pesquisadora responsável é heloisakuhnenmestrado@gmail.com.

Este modelo de TCLE foi baseado nas exigências descritas na Resolução CNS 466/12 e complementado pela Resolução CNS 510/16. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo é o órgão responsável por revisar, fiscalizar e verificar que a presente pesquisa segue os procedimentos éticos necessários. O CEP encontra-se a disposição para outros esclarecimentos éticos através do e-mail cometica@pucsp.br ou pelo telefone (11) 3670-8466, localizado na rua Ministro Godói, 969, sala 63-c.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre sob o número 84632424.3.0000.5482.

A partir disso, entendo que não sou obrigado/a/e a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado. Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. As informações coletadas poderão ser utilizadas em ambientes científicos, desde que o sigilo seja garantido. Estou ciente de que não haverá compensação financeira para a participação desse estudo, e que não haverá despesas pessoais para mim. *

Acredito ter sido suficientemente informada(o) a respeito da pesquisa: "A presença de animais na clínica: um estudo em Psicologia Analítica (Título Provisório)". Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, as garantias de sigilo e de esclarecimentos permanentes, e a isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo:

- Sim
- Não

Próxima

Limpar formulário

Segunda Página – critérios de inclusão e exclusão

Você é psicólogo/a? *

- Sim
- Não

Possui inscrição ativa no CRP? *

- Sim
- Não

Você atende ou já atendeu com animais no seu consultório particular? Sejam os seus ou dos pacientes/clientes? *

- Atendo com meus animais
- Já atendi com meus animais
- Não atendo
- Atendi/Atendo com animais de pacientes

Você atende/atendeu com animais em qual modalidade? *

- Presencial
- Online
- Presencial e Online

[Voltar](#)

[Próxima](#)

[Limpar formulário](#)

Terceira Página

Sobre o animal que te acompanha/acompanhou nos atendimentos: *

- Pertence a mim
- Pertence aos pacientes
- Pertence a um terceiro/organização
- Outro: _____

Qual a espécie do animal? (selecionar em caso de ser mais de um) *

- Cão
- Gato
- Cavalo
- Outro: _____

Como o animal age durante as sessões? *

Sua resposta _____

Onde o animal fica durante os atendimentos? *

Sua resposta _____

Como os pacientes agem com seu animal? *

Sua resposta _____

[Voltar](#)

[Próxima](#)

[Limpar formulário](#)

Quarta página

Onde você atende com esse animal? *

- Consultório em casa comercial
- Consultório em prédio comercial
- Na minha própria residência
- Hospitais
- Escolas
- Outro: _____

Qual público você atende? *

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos
- Idosos
- Outro: _____

Como é a presença do animal na sua prática clínica? *

Sua resposta _____

Como são as relações estabelecidas entre você, os pacientes e seu animal? *

Sua resposta

Gostaria de acrescentar alguma informação que não foi contemplada por esse questionário?

Sua resposta

Gostaria de participar de uma entrevista individual para conversar sobre a experiência? Se sim, deixe um contato, por favor (e-mail, whatsapp, entre outros):

Sua resposta

Voltar

Próxima

Limpar formulário

APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista

I. Inclusão de animais nos atendimentos

- a. Como o animal que você atende apareceu na sua vida?
- b. Quando foi a primeira vez que um animal participou de um atendimento?
- c. Você teve a intenção de incluir o animal nos atendimentos? Se sim, por quê?
- d. O que você sabia sobre atender com animais? E agora?
- e. Pode me contar sobre os seus pensamentos ou sentimentos de quando você atendia/atende com o animal?
- f. Como você aprendeu a manejar o atendimento clínico com o(s) animal (is)?
- g. Que mudanças positivas você notou? E as negativas?
- h. Você encontrou algum apoio nessa prática em algum lugar ou em alguém?

II. Tríade animal-paciente-psicólogo/a

- a. Pode me descrever um dia típico de atendimento com a presença do animal? Como eram/é a(s) interação (ões) dos pacientes com ele(s)?
- b. Como você avalia a relação estabelecida dos seus pacientes com o(s) animal(is)?
- c. Qual a sua relação com esse animal? Como apareceu na sua vida?
- d. Quem é esse animal para você?
- e. Quais aspectos positivos, negativos ou neutros você notou dessa relação? Tanto entre paciente e animal (is) quanto vocês no consultório.
- f. Qual foi a sua percepção sobre o vínculo estabelecido entre vocês [animal(is)- pacientes – psicólogo(a)]?
- g. Poderia dar um exemplo clínico?
- h. Caso atenda mais de um público, percebe diferenças nas interações com o(s) animal (is)?

III. Aspectos simbólicos

- a. Que características os pacientes costumavam/costumam projetar sobre esse animal?

- b. Os pacientes sonham com esses animais? Se sim, poderia dar um exemplo?
- c. Quais características você atribui ao(s) seu(s) animal(is)?
- d. Você nota alguma diferença em atender com e sem o animal? Qual?

IV. Pergunta de encerramento: Qual dica você ofereceria para alguém que quer atender com seu animal de estimação?